

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MATHEUS NIETTO

**O PRIMEIRO JORNAL DE VIAMÃO:
UM ESTUDO DO CORREIO RURAL**

PORTO ALEGRE

2017

MATHEUS NIETTO

**O PRIMEIRO JORNAL DE VIAMÃO:
UM ESTUDO DO CORREIO RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do grau de bacharel em jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow.

PORTO ALEGRE

2017

MATHEUS NIETTO

**O PRIMEIRO JORNAL DE VIAMÃO:
UM ESTUDO DO CORREIO RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do grau de bacharel em jornalismo, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow – UFRGS

Orientadora

Profa. Dra. Cassilda Golin da Costa – UFRGS

Examinadora

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski – UFRGS

Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha família, Rosana, José e Thiago, pelo incentivo e apoio incondicional durante esses quatro anos de graduação. Por me auxiliarem a permanecer firme nessa jornada e, principalmente, serem exemplos de conduta na vida pessoal e profissional. Por estarem sempre dispostos a me acalmar e aconselhar nos momentos de tensão, me acolhendo e motivando independente da situação.

À minha companheira e namorada, Debora, que me deu forças para continuar escrevendo e sempre me motivando a superar mais este desafio. Pelas palavras de afeto em meio ao caos da rotina de leituras. Por acreditar que tudo daria certo no final.

A todos os meus amigos que conheci antes e durante a faculdade, em especial à equipe da UFRGS TV, por sempre estarem dispostos a conversar e contribuir com um ponto de vista diferente e reflexivo.

À minha orientadora Aline Strelow por todas as manhãs de terça-feira e incentivo para a finalização deste trabalho. Por acreditar em mim e na minha proposta.

“Ninguém pode alcançar a Verdade sem lutas.
para tudo requerem-se esforços tenazes; sem
perseverança ninguém pode ver o fruto
do seu labor.”

Julio Ugarte y Ugarte

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de estudar o jornal mais antigo de Viamão, o *Correio Rural*, através da análise das edições comemorativas dos 50 e dos 100 anos do periódico, cruzada com a história oral. O *corpus* é constituído por 15 artigos de opinião e 14 reportagens, distribuídos na edição alusiva ao cinquentenário, publicada em 1962, e nas demais edições de 2011 e 2012 referentes ao centenário do jornal. A pesquisa propõe-se, ainda, a discutir sobre as características do jornalismo local e regional, tomando como exemplo o próprio *Correio*. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, proposta por Bardin. Os textos analisados têm como foco a trajetória do fundador do jornal, Alcebíades Azeredo dos Santos, e a prática jornalística no *Correio Rural*. Verificou-se que, embora 50 anos separem as duas edições estudadas, permanece comum entre elas a bandeira da isenção no jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo impresso; jornalismo regional; Correio Rural; imprensa viamonense; edições comemorativas.

ABSTRACT

The present work aims to study the oldest newspaper in Viamão, *Correio Rural*, through the analysis of commemorative issues at the 50th and 100th anniversary of the periodical, crossed with oral history. The corpus consists of 15 articles of opinion and 14 reports, distributed in the edition referring to the 50th anniversary, published in 1962, and in other editions of 2011 and 2012 referring to the centennial of the newspaper. The research, also, proposes to discuss the characteristics of local and regional journalism, taking as an example the own *Correio*. The methodology used was the content analysis, proposed by Bardin. The texts analyzed focus on the trajectory of the newspaper's founder, Alcebíades Azeredo dos Santos, and the journalistic practice in *Correio Rural*. It was found that, although 50 years separate the two editions studied, remains common among them the banner of exemption in journalism.

Keywords: printed journalism; regional journalism; Correio Rural; viamonense press; commemorative issues.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – CALÇADÃO TAPIR ROCHA/ CENTRO DE VIAMÃO.....	30
FIGURA 2 – GRUPO DE RESTAURADORES DA IGREJA MATRIZ DE VIAMÃO.....	30
FIGURA 3 – AVENIDA MARCOS DE ANDRADE/ CENTRO DE VIAMÃO.....	31
FIGURA 4 – PRAÇA DA MATRIZ/ CENTRO DE VIAMÃO.....	32
FIGURA 5 – INTENDÊNCIA MUNICIPAL DE VIAMÃO.....	33
FIGURA 6 – PRIMEIRA ESCOLA MUNICIPAL DO CENTRO DE VIAMÃO.....	33
FIGURA 7 – CAPAS DO CORREIO RURAL.....	34
FIGURA 8 – ALCEBÍADES AZEREDO DOS SANTOS.....	35
FIGURA 9 – EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 1962.....	43
FIGURA 10 – EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 2012.....	44
FIGURA 11 – CADERNOS ESPECIAIS 100 ANOS EM 1.....	51
GRÁFICO 1 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS DE 1962.....	45
GRÁFICO 2 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL DE 1962.....	47
GRÁFICO 3 – GÊNEROS JORNALÍSTICO DE 2011 – 2012.....	49
GRÁFICO 4 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL 2011 – 2012.....	50
GRÁFICO 5 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS DE 1962 E 2011 – 2012.....	52
GRÁFICO 6 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL DE 1962 E 2011 – 2012.....	53
GRÁFICO 7 – ARTIGOS DE OPINIÃO E REPORTAGENS.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ESPECIFICIDADES DO JORNALISMO LOCAL E REGIONAL	14
2.1	O JORNALISMO NAS CIDADES DO INTERIOR.....	14
2.2	O “LOCAL” E A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA.....	21
3	HISTÓRIA DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL	24
3.1	HISTÓRIA DA CIDADE E DA IMPRENSA VIAMONENSE.....	29
3.1.1	CORREIO RURAL.....	34
3.1.2	O CRIADOR DO JORNAL.....	35
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	40
4.1	METODOLOGIA.....	40
4.2	PRÉ-ANÁLISE.....	42
4.3	EXPLORAÇÃO DO MATERIAL (QUANTITATIVA).....	44
4.4	RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO.....	54
4.4.1	GÊNEROS JORNALÍSTICOS: REPORTAGEM E ARTIGO.....	56
4.4.2	EIXO 1: VALORIZAÇÃO DOS ESFORÇOS DE ALCEBÍADES.....	57
4.4.3	EIXO 2: O JORNALISMO ENQUANTO PRÁTICA NO CORREIO RURAL...62	
4.5	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE.....	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A lógica de produção atual do jornalismo está passando por diversas mudanças, tendo em vista que cada vez mais os profissionais precisam produzir textos, fotografias e vídeos rapidamente, pensando a informação em diferentes suportes. Além disso, as tecnologias foram aperfeiçoadas, permitindo que as informações cheguem até o público de forma quase instantânea.

Embora a velocidade de transmissão das informações tenha aumentado consideravelmente, os grandes veículos jornalísticos não conseguem abranger a totalidade de acontecimentos que ocorrem na região onde estão inseridos, muito menos tratar das notícias cotidianas dos municípios ao redor. Os critérios utilizados por esses veículos para determinar o que é mais importante de ser noticiado levam em consideração o que os profissionais acreditam ser de interesse público, suas necessidades, privilegiando as informações das capitais. Nesse cenário, o jornalismo local preenche uma lacuna importante deixada pelos grandes jornais ao informar a população que não reside nas metrópoles ou nas cidades eixos.

O sentimento de pertença e os laços construídos com uma determinada população são algumas das características que distinguem o jornalismo praticado no interior. Além disso, as pessoas que não residem nas cidades centrais não encontram com facilidade notícias sobre o local onde vivem, e recorrem aos jornais locais que possuem uma atenção especial para os acontecimentos da região.

Uma das principais preocupações dos jornalistas que trabalham nas cidades do interior é considerar as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas da comunidade da qual fazem parte, como forma de se integrar com a população e melhor informá-la (DORNELLES, 2004). As informações coletadas se referem tanto ao modo como as pessoas interagem culturalmente – como seus hábitos, costumes, práticas religiosas e tradições – quanto à infraestrutura da cidade como um todo. No entanto, as discussões sobre jornalismo local, regional e interiorano ainda são muito recentes na academia e precisam ser incorporadas aos estudos de comunicação, tendo em vista as inúmeras transformações pelas quais essa prática jornalística sofreu ao longo dos anos.

Por isso, como forma de ampliar as discussões sobre jornalismo local e regional e contribuir para as pesquisas sobre a imprensa gaúcha, este trabalho pretende estudar o jornal impresso mais antigo da cidade de Viamão: o *Correio Rural*. O objetivo principal é analisar as edições comemorativas dos 50 e dos 100 anos do periódico, através da análise de conteúdo, cruzada com a história oral. Para tal, analisarei a edição de 1962, alusiva aos 50 anos do jornal,

e as treze edições da série especial *100 anos em 1*, em homenagem ao seu centenário, publicadas em 2011 e 2012. A escolha do *Correio Rural*, dentre tantos outros jornais impressos da região como o *Diário de Viamão*, o *Jornal Folha da Terra*, o *Jornal Sexta* e *A Tribuna de Viamão*, se deve ao fato de ser o periódico mais antigo do município ainda em circulação, completando 105 anos de história em 2017. Além das notícias cotidianas da cidade, o jornal registrou acontecimentos importantes na história da humanidade, como as duas grandes guerras mundiais, tendo em vista a sua criação em pleno século XX.

A pesquisa propõe-se, ainda, a fazer um resgate da história do jornal e dos seus diretores a partir da trajetória contada pelo periódico nas edições comemorativas, considerando a sua importância para a conservação da memória local, como o jornal mais antigo da cidade e, por sua vez, relacionado com a própria história de Viamão. Como não existem muitas referências bibliográficas a respeito da história e das características da imprensa viamonense, este trabalho faz uso de outras pesquisas sobre jornais do interior do Rio Grande do Sul, como forma de identificar as tendências dessa prática jornalística no estado.

O município de Viamão se localiza na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e possui uma extensão territorial de 1.497,094 km², segundo dados do IBGE em 2016. Sua formação populacional é muito diversificada, sobretudo, devido às colonizações jesuíticas e açorianas, além da povoação indígena que já ocupava as terras. O município, portanto, foi um dos primeiros núcleos de povoamento do estado. Além disso, os açorianos que começaram a utilizar as terras viamonenses são os mesmos que colonizaram a região do Porto dos Casais, atual capital do estado (BARROSO, 2008). Além de Porto Alegre, a população de Viamão originou cidades como Santo Amaro, Triunfo, Rio Pardo, Taquari e as cidades do litoral norte. Atualmente, a cidade possui 253.717 habitantes, conforme estimativas realizadas pelo IBGE em julho de 2017.

A importância histórica e social de Viamão iniciou quando foi sede das primeiras estâncias de criação de gado. Os grandes rebanhos de gado e cavalos, que eram criados na campanha do Rio do Prata, transitavam pelo município para serem comercializados em Laguna (SC) (BARROSO, 2008). A pecuária tem, portanto, uma grande importância na economia da região.

O *Correio Rural*, fundado no dia 25 de novembro de 1912, foi o primeiro jornal impresso a ser produzido em Viamão. Embora não possua uma sede atualmente, durante muito tempo a redação se estabeleceu no centro da cidade, próxima à Prefeitura Municipal. O periódico possui uma tiragem de três mil exemplares mensais e é distribuído nas sextas-feiras pelo preço unitário de R\$ 1,00. Ao longo dos anos, a quantidade de páginas publicadas pelo

periódico variou bastante, mas hoje em dia o jornal é composto por oito páginas no formato tabloide. Em 2012, passou por uma reformulação editorial e gráfica, sendo disponibilizado, também, pela internet.

Para analisar os exemplares do jornal *Correio Rural*, a fundamentação teórica abrange o jornalismo regional, a história do jornalismo e a história oral. Será abordada a história da imprensa no Rio Grande do Sul e na região analisada, além de aspectos sociais, econômicos e culturais do município que sedia a publicação.

Como metodologia de análise das publicações do jornal, será utilizada a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2013). Em um primeiro momento serão catalogadas, de forma quantitativa, as chamadas de capa e as matérias correspondentes às 14 edições escolhidas, organizando-as sistematicamente conforme o gênero textual ao qual pertencem e as temáticas que tratam do aniversário do *Correio Rural*. Após a observação das informações iniciais, pretende-se analisar o conteúdo jornalístico e entender como o próprio jornal compreende a sua trajetória em Viamão.

São importantes, portanto, os estudos sobre jornalismo interiorano, local e regional de Dornelles (2004), para entender como se configuram as redações do interior, suas especificidades na narração dos acontecimentos e a forma como se integram com as comunidades para melhor informar à população local. Além disso, lançarei mão das investigações de Peruzzo (2005), que trata de assuntos como a mídia local e a sua manifestação na sociedade atual, considerando suas múltiplas interfaces e a sua relação com a comunicação comunitária. Com essa base teórica, pretendo analisar as capas, as matérias e reportagens do jornal *Correio Rural de Viamão* sobre os principais acontecimentos locais e buscar relações entre a história contada pela voz do próprio jornal e a percepção dos leitores ao longo dos anos.

Para compreender e recuperar a história do jornal *Correio do Rural* de Viamão, são analisadas as capas de 14 edições do jornal - uma correspondente ao cinquentenário, em 1962, e as treze demais em comemoração ao centenário, publicadas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2011 e março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2012. São observados os temas abordados na capa, assim como as notícias e reportagens que mereceram manchetes e chamadas. Para isso, foram consultados o acervo digital, disponível no site do jornal, e o seu acervo impresso que fica aos cuidados do atual diretor e editor do jornal Milton Zani dos Santos.

Dentre os principais aspectos abordados neste trabalho, se destacam: a visão do jornal *Correio Rural* de Viamão sobre a cidade; os critérios que o jornal estabeleceu para contar a sua

trajetória e a história do jornal e dos seus diretores a partir da visão dos leitores entrevistados para essas edições comemorativas e dos próprios jornalistas.

Decidi pesquisar sobre esse assunto porque resido na cidade de Viamão e me interesso pela história da cidade. Além disso, escolhi como objeto de análise o jornal impresso *Correio Rural*, o mais antigo do município, porque acredito que os jornais possuem um papel fundamental no registro dos acontecimentos. Desejo, também, entender um pouco mais sobre a população viamonense através das principais atividades culturais e costumes dos moradores registrados pelo *Correio* ao longo dos anos.

O meu interesse em pesquisar o *Correio Rural* surgiu, ainda, em uma disciplina do 5º semestre, em 2016, intitulada Jornalismo Impresso III. Na época, foi proposto que escolhêssemos um tema em comum, no caso fé, e produzíssemos uma reportagem aprofundada. Eu escolhi, portanto, pesquisar sobre a segunda igreja mais antiga do estado, a Igreja Matriz de Viamão, fundada no ano de 1741. No meio do percurso, percebi que o jornal que mais destinava espaço para falar sobre a história da igreja era o *Correio Rural*. Por isso, como forma de conhecer mais sobre a história do periódico e quais foram as suas contribuições para a cidade ao longo dos anos, escolhi como objeto de pesquisa o *Correio Rural*.

Acredito que com este trabalho outras pessoas, principalmente os moradores, se interessem em conhecer a história de Viamão e da própria formação cultural da população. Creio que este estudo, também, contribuirá para o conhecimento da história do viamonense através das páginas do jornal, levando em consideração a diversidade cultural do município e as inúmeras transformações pelas quais a cidade passou ao longo dos anos.

Além disso, este estudo contribui para resgatar a história do jornal *Correio Rural*, já que não existem outras investigações acadêmicas a respeito, especificamente, desse veículo, nem de nenhum outro jornal de Viamão. Os únicos registros acerca da história do *Correio Rural* foram feitos pelo próprio jornal, em edições comemorativas e memoriais, e por textos esparsos na internet que fazem menção a sua existência, alguns deles de autoria da direção do jornal e de representantes políticos. Em algumas pesquisas acerca da história da imprensa no Rio grande do Sul, o nome do jornal aparece por ser uma publicação fundada há mais de um século, mas as citações não se aprofundam na história do jornal nem no contexto social no qual ele está inserido.

Esta pesquisa também é importante para aprofundar os estudos sobre jornalismo local e regional, já que os cursos de jornalismo, em sua grande maioria, não conseguem abranger as especificidades dessa prática jornalística durante a formação dos profissionais. Discussões como essa são fundamentais para preparar os futuros jornalistas, principalmente aqueles que

pretendem trabalhar em redações do interior, e servem como base para trabalhos que tratem da história da imprensa gaúcha.

2 ESPECIFICIDADES DO JORNALISMO LOCAL E REGIONAL

O jornalismo possui uma importante função social na vida das pessoas, tendo em vista o seu papel como fonte de informação qualificada para a população sobre os mais diversos assuntos. Através da narrativa dos acontecimentos cotidianos, o jornalista ajuda a construir a própria realidade e dá condições para que o seu público consiga interpretar os fatos de forma mais aprofundada. Por isso, a prática jornalística se distingue de outros tipos de produções midiáticas como a propaganda, a ficção e a arte. Além disso, é o único dentre esses modelos que se preocupa, em primeiro lugar, com a veracidade dos fatos.

A prática jornalística também promove a comunicação entre as pessoas e está em permanente diálogo com os interlocutores que produzem as notícias e o seu público (FRANCISCATO, 2005). E é através dessas relações entre produtores e consumidores de informações que a credibilidade da instituição jornalística se constrói, com um olhar sobre a realidade que não é neutro, mas preserva o compromisso de estar o mais próximo possível da verdade.

Para narrar os acontecimentos cotidianos e selecionar o que, dentre tantas informações, é de interesse público, os jornalistas utilizam uma série de critérios de noticiabilidade no dia-a-dia. Esses critérios são importantes para definir aquilo que irrompe à “normalidade” do cotidiano, além de filtrar a grande quantidade de notícias diárias. No entanto, “nem tudo o que figura no mundo jornalístico é ruptura, mas uma parte importante dos valores-notícia envolve ou pressupõe a alusão a uma «normalidade» como ponto de referência fundamental. Assim, a ruptura da «normalidade» é um traço fundamental do mundo jornalístico” (TRAQUINA, 2002, p. 204).

2.1 O JORNALISMO NAS CIDADES DO INTERIOR

Um dos critérios importantes para filtrar o que deve ou não ser noticiado é a proximidade geográfica. Essa é uma das principais características que marca a imprensa praticada no interior: a preocupação em fornecer informações à comunidade local. A quantidade de notícias locais é muito mais significativa nos jornais do interior, embora os grandes veículos também se preocupem em noticiar sobre o que acontece em âmbito local.

Dornelles é uma das principais referências a respeito da prática do jornalismo local e regional no Rio Grande do Sul. Em 2004, a autora publicou o livro *Jornalismo “comunitário” em cidades do interior*, resultado de um estudo sobre 14 jornais do interior gaúcho, de 14

diferentes regiões. Um dos principais objetivos dessa pesquisa foi analisar a natureza jornalística das publicações (gêneros, temáticas, origem geográfica) e a estrutura empresarial dos jornais (administração, comercialização, profissionais atuantes). Além disso, foi realizada uma série de entrevistas com os profissionais do interior, leitores e assinantes do jornal e estudantes universitários para compreender as especificidades que esse tipo de imprensa possui.

A partir dos dados levantados pela pesquisadora, é possível compreender o cenário da imprensa interiorana no Rio Grande do Sul e entender como se configura essa prática jornalística no estado. Mas o que caracteriza um jornal do interior? A autora apresenta algumas características desse tipo de imprensa, a partir das informações da Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul (ADJORI):

[...] entende-se por “jornal interiorano” o produto impresso de uma empresa ou microempresa jornalística, constituída juridicamente na Junta Comercial de seu município, regida pelo ativo e passivo, tendo por objetivo o lucro, através da comercialização publicitária, venda de assinaturas e venda avulsa. [...] O número de páginas deve ser de, no mínimo, oito, não havendo imposições para o máximo. A periodicidade deve ser constante, desde que diária, trissemanária, bissemanária ou semanária (DORNELLES, 2004, p. 131).

A imprensa interiorana privilegia temas que estejam presentes no dia-a-dia da comunidade, em detrimento de informações de outras cidades, estados ou até mesmo de outros países. Mas, para além do território, essa prática jornalística possui características que a distingue da lógica dos grandes veículos. No interior, a narrativa dos acontecimentos tem um caráter mais comportamental do que estrutural, pois se caracteriza pela solidariedade, pela participação ativa dos jornalistas nos eventos e no cotidiano das pessoas e pelos valores conservados pela cidade. Dornelles entende que a filosofia dos jornais do interior deve ser comunitária: “[...] as matérias produzidas para o jornal devem atender aos anseios e reivindicações da comunidade que, dentro do possível, determinará quais as notícias que devem ser divulgadas pelo jornal, desde que não atendam nenhum interesse pessoal ou partidário [...]” (DORNELLES, 2004, p. 131).

Os acontecimentos locais são, sempre, prioridade nas publicações dos jornais interioranos, embora as notícias regionais continuem sendo cobertas. O modo como os profissionais do interior trabalham privilegia “[...] o respeito humano e a cultura das pequenas populações, sobressaindo-se, por exemplo, o bairrismo e a solidariedade entre os moradores, mas segue as mesmas normas e definições básicas da teoria que estabelece a prática do jornalismo informativo, assim como seu código de ética” (DORNELLES, 2004, p. 132).

Os moradores costumam buscar nos jornais locais informações a respeito da cidade onde vivem. Já as notícias estaduais, nacionais e internacionais “são acompanhadas através dos noticiários das televisões e rádios. Portanto, os jornais do interior são produzidos a partir do noticiário local e regional, abordando temas de diversas naturezas ” (DORNELLES, 2004, p. 133).

Outra diferença entre os jornais do interior e os grandes veículos é o grau de proximidade que os profissionais e diretores da redação estabelecem com a população local. Os proprietários, em algumas ocasiões, como já ocorreram em Viamão, auxiliam na distribuição dos jornais de casa em casa, fortalecendo o elo com os leitores. Também são convidados a participar de eventos e reuniões organizados pelos moradores, missas, velórios, casamentos, festas, aniversários, julgamentos e uma série de outras atividades (DORNELLES, 2004). Essa proximidade é fundamental para que a credibilidade e a confiança nos jornalistas do interior sejam reconhecidas pelos moradores, pois sabem que os profissionais “estão sempre lutando para resolver os problemas comunitários” (DORNELLES, 2004, p. 134).

Embora o jornalismo interiorano também seja fruto de uma oportunidade mercadológica, utilizando estratégias como a proximidade e noticiando o cotidiano das cidades que os grandes veículos urbanos não conseguem dar conta, segundo Melo (2007) a relação entre os profissionais e seus leitores possui características singulares:

Ao escrever, o jornalista, ao contrário do profissional da capital, conhece “algo a mais” sobre as pessoas que descreve. E esse “algo a mais” refere-se às nuances da personalidade dessa pessoa; às várias expressões de suas feições; a seus casos de família; aos aspectos polêmicos e banais que constituem essa história singular; à sua rotina na cidade; às roupas que costuma usar; a seus dias de bom e mau humor; à grandeza e mesquinhez de alguns de seus atos. Ou seja, tem uma informação que a compressão do tempo no amplo espaço dos grandes centros inviabiliza: a de conhecer a complexidade que envolve esse ser humano; fonte de suas matérias (MELO, 2007).

Os jornais do interior também possuem um papel fundamental para melhorar a qualidade de vida da população e contribuir na formação de uma consciência cidadã. Os jornalistas e seus leitores constroem laços de amizade e de solidariedade, pois os profissionais se tornam, também, membros da comunidade que informam. Além disso, a imprensa interiorana também se torna uma importante forma de registro da história social, econômica e política das cidades. Portanto, contribuem para a preservação da memória e da cultura local.

Nessa perspectiva, Amaral (2012) propõe a ideia de que a proximidade da imprensa regional pode contribuir para a formação cidadã da população. Para o autor, não basta que os

jornais apresentem *slogans* legitimando o seu papel e a sua credibilidade há séculos, mas que se apropriem de estratégias ativas e dinâmicas que permitam uma melhor integração com o público e a formação de uma *cidadania ativa*.

A ideia de *cidadania ativa*, segundo o autor, está relacionada à defesa de uma sociedade que se pretende cidadã através da atuação midiática:

Entende-se aqui por cidadania ativa ligada à ideia de defesa de causas de uma sociedade civil cidadã, para a qual os media contribuem. O conceito de cidadania ativa – não sendo novo pois já Platão falava nele - é aqui entendido como contrário à ideia de uma cidadania mínima, fraca, instrumental que mais não significa que o direito (político) à não exclusão e a pertença a uma massa de população como um símbolo e um simples atributo (SANTOS, 1999, p. 17-20 apud AMARAL, 2012, p. 1).

Logo, o jornalismo possui um compromisso com a formação educacional para a cidadania da população. E é essa ideia que deve ser levada em consideração quando a palavra participação do público é mencionada “que não são os meios, que não é a tecnologia, que não será, porventura, a comunicação social, ainda que de proximidade, que, sozinha, irá alterar a realidade desta sociedade” (BRINCA, 2012, p. 33). O que pode e deve contribuir para a construção de uma sociedade participativa é a prática jornalística qualificada.

Devido à aproximação entre os profissionais do interior e seus leitores, no entanto, surgem alguns problemas relacionados à prática do jornalismo informativo, principalmente, quando se trata da intimidade dos moradores ou em casos que possam repercutir na vida de um dos representantes locais (PERUZZO, 2005). Ou seja, o fato de os jornalistas estabelecerem relações mais cordiais com o seu público e estarem presentes em diversas atividades promovidas pelos moradores, constrange a própria dinâmica da profissão. Esse é um dos motivos que dificulta a prática do jornalismo investigativo em âmbito local:

O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc. Por vezes, se cerca de distorções, como as que têm origem em vínculos com interesses político-partidários e econômicos, mas, mesmo acarretando vieses de informação, acaba contribuindo na divulgação de temas locais (PERUZZO, 2005, p. 78).

Em sua dissertação *Vozes dissonantes na imprensa do interior - A produção e a recepção do jornal “A Voz Do Vale Do Paraíba”*, Costa (2002) analisa a rotina produtiva do jornal, bem como a relação que estabelece com as assessorias de imprensa e órgãos públicos locais, além de verificar como a proximidade influencia na recepção dos leitores. A autora

também reflete sobre a dependência dos recursos públicos nos jornais do interior e as dificuldades financeiras das pequenas empresas:

A dependência dos pequenos jornais do interior pelas verbas públicas acaba comprometendo sua autonomia, iniciando, a partir daí, um “ciclo vicioso”. Ou seja, os jornais passam a “fazer o jogo” do poder público por depender quase que exclusivamente das verbas de editais e, por outro lado, esses órgãos governamentais, na figura dos políticos, mantêm financeiramente as pequenas empresas jornalísticas em troca de verem publicadas somente as informações que, de alguma forma, lhe sejam favoráveis (COSTA, 2002, p. 49).

Além da dependência financeira, alguns jornais também acabam utilizando em demasia *releases* de assessorias de imprensa, o que demonstra uma certa “acomodação” por parte dos profissionais (COSTA, 2002). Uma das consequências dessa dependência é o enfraquecimento da credibilidade nos jornais, que passam a privilegiar conteúdos que nem sempre são verificados e precisos. No entanto, é importante destacar que essa situação não ocorre apenas nos periódicos do interior, pois vários anunciantes e representantes políticos financiam veículos localizados tanto nas cidades do interior quanto nas capitais. “Há de se considerar que os grandes grupos de mídia, especialmente no Brasil, também gozam de benefícios ainda maiores, concedidos pelo Governo Federal. Esses benefícios são, muitas vezes, fruto de ‘bons relacionamentos’ com o poder público e com políticos” (COSTA, 2002, p. 50).

Essa situação contribui para que algumas redações do interior não consigam permanecer funcionando em função da parcialidade política que assumem em suas publicações. No entanto, essa visão de uma imprensa refém dos representantes locais está se modificando com o tempo, já que “a postura imparcial e neutra de alguns jornais e a divulgação ampla de fatos que ocorrem em diversos segmentos da sociedade acabou por revelar-se diametralmente oposta à omissão da grande mídia em assuntos de interesse local” (SANTOS; CASTRO, 2013, p. 5). Isso só é possível quando os jornais locais se aproximam da realidade da população na qual estão inseridos, legitimando a prática jornalística e conquistando a confiança dos leitores:

Estamos vivenciando novos tempos, marcados pela emergência de um forte sentimento de cidadania, que tem revitalizado a nossa vida comunitária. É plausível que a imprensa dos grotões brasileiros (ou daquelas cidades situadas nos espaços metropolitanos construídos pelo agronegócio), desafiada pela vigilância comunitária, acerte o passo com o interesse público. E, desta maneira, desate o cordão umbilical que a atrelava economicamente ao poder local, passando a orientar sua política editorial em consonância com as legítimas aspirações dos respectivos leitores (MELO, 2005, p. 3).

Seguindo em uma linha diferente, Camponez (2012) afirma que a grande maioria dos estudos que tratam acerca da problemática da proximidade se concentram nas dificuldades de se fazer jornalismo em âmbito local, deixando de lado a ética própria do jornalismo de proximidade. “Ao colocar o foco da análise nestas condicionantes continua-se a privilegiar os modelos normativos do jornalismo dominante” (p. 38). Ou seja, as pesquisas a respeito do jornalismo local e regional privilegiam analisar as dificuldades de aplicação da deontologia jornalística, ao invés de investigar que especificidades e princípios essa prática adquire no contexto de proximidade.

No entanto, a ética e a deontologia do jornalismo de proximidade “continua a definir-se, essencialmente, pela sua distanciação” (CAMPONEZ, 2012, p. 38). Isto significa dizer que, do ponto de vista dos valores éticos e deontológicos, os jornalistas se agarram às estratégias de imparcialidade jornalística como, por exemplo, a objetividade para fundamentar as suas práticas normativas, mas utilizam desse mesmo distanciamento para não se comprometerem com a ética da proximidade. Esse discurso da neutralidade, portanto, serve aos interesses dos que detêm o poder econômico e político, abdicando do envolvimento com a comunidade.

Além disso, muitos jornais não conseguem dar ampla atenção aos assuntos locais e regionais, conforme Peruzzo (2005). Essa tendência “se deve a uma estrutura de produção pequena, com poucos profissionais e, às vezes, até despreparados para o exercício do jornalismo” (PERUZZO, 2005, p. 81). Muitas vezes, os veículos do interior também não conseguem se manter financeiramente apenas com a venda de espaços para anúncio e com as assinaturas dos leitores, tendo como consequência uma dependência dos jornais aos interesses dos representantes políticos, que acabam por apoiar as iniciativas.

Essa proximidade também aumenta a cobrança dos leitores na medida em que os próprios moradores se sentem à vontade de ir até às redações e reclamar caso algo não esteja de acordo, assim como elogiar uma determinada publicação quando considerarem que foi bem-feita. Um dos motivos pelos quais isso acontece é porque “os leitores do interior se consideram ‘donos’ do jornal da cidade e não admitem burocracias para serem atendidos pela imprensa. Quando chegam na redação do jornal, querem ser atendidos pelo dono. Nada de crachás, nem de secretárias anunciando quem deseja falar” (DORNELLES, 2004, p.133).

Como a proximidade dos fatos é maior nas redações do interior, os moradores e leitores conseguem identificar, com maior facilidade, quando uma determinada notícia condiz ou não com o que está acontecendo na cidade. “É arriscado simplesmente ‘fazer o jogo’ de quem os mantém (os jornais) financeiramente viáveis. Nesse caso, a credibilidade do jornal fica totalmente comprometida” (COSTA, 2002, p. 61). Portanto, os profissionais não apenas devem

respeitar o que é de interesse público da população local, mas informá-la com qualidade e veracidade.

A produção jornalística local e regional, portanto, se preocupa não apenas em vender as notícias para que sejam consumidas pelos leitores, mas sim mensagens que proporcionem uma possível interação com o público, considerando as suas necessidades cotidianas (CORREIA, 2004). A proposta do jornalismo de proximidade pode ser uma solução para a crescente massificação da produção jornalística, embora no interior também existam dificuldades, principalmente no que diz respeito à dependência às elites locais. “A identidade de regiões comporta a necessidade de mecanismos de produção simbólica que contemplem o reforço do sentimento de pertença. Não se trata de propor um engajamento panfletário da imprensa regional a esta ou aquela região” (CORREIA, 2004, p. 6). Por isso, faz-se necessária uma imprensa que não apenas reproduza um discurso meramente panfletário, mas contribua para a formação cidadã da população.

Para tal, os profissionais devem ser humildes, solícitos e dar atenção às pessoas que procuram o jornal, seja referente a reclamações, seja a sugestões e elogios em geral. Posturas esnobes e arrogantes podem ser determinantes para a morte do periódico. O leitor não deve ser tratado com descaso, todas as suas dúvidas devem ser esclarecidas e, se possível, solucionadas. “O jornalista precisa se engajar na luta de cada cidadão, desde que seja em defesa de quaisquer direitos individuais ou coletivos” (DORNELLES, 2004, p.133).

Em relação ao conteúdo produzido pela grande mídia, Peruzzo destaca que é necessário existir uma variedade de programas e notícias em âmbito nacional e internacional, mas “as pessoas precisam e gostam também de saber e discutir sobre as realizações e acontecimentos que ocorrem ao seu redor” (PERUZZO, 2004, p. 15). E é através dessas estratégias que os jornais do interior cativam o seu público, mostrando as informações e acontecimentos que estão presentes na realidade local da população e, ao mesmo tempo, obtendo lucro com o retorno positivo dos leitores.

Uma das principais características dos jornais interioranos é, portanto, serem o porta-vozes da comunidade local, informado aquilo que é de interesse público da cidade. Para isso, “os jornalistas do interior, para se sentirem realmente integrados à comunidade, uma exigência para a sobrevivência do jornal, buscam levantar, com regularidade, as condições peculiares e a evolução de suas comunidades” (DORNELLES, 2004, p.132).

2.2 O “LOCAL” E A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

O conceito de jornalismo comunitário vem sendo muito estudado pela academia ao longo dos anos, bem como o próprio significado de comunidade. Esse tipo de comunicação se caracteriza por representar e se engajar a um determinado grupo social, reivindicando seus direitos coletivos e individuais, além de informar a população sobre os acontecimentos locais (PERUZZO, 2004). Peruzzo estuda o papel da mídia local (transmissão de informações), analisando, conjuntamente, a tendência da mídia comunitária (mobilização social e educação informal). Além disso, a autora salienta que as duas formas de produção midiática são distintas, mas apresentam semelhanças no que diz respeito às informações veiculadas. Isso ocorre porque as narrativas construídas pelos jornais locais são feitas a partir do interesse público da comunidade.

No livro *Como fazer um Jornal Comunitário*, Callado (1986) salienta que é necessário “que os leitores saibam como entrar em contato com os responsáveis pelo jornal e que os endereços ou telefones anunciados funcionem de fato” (p. 30). Um jornal que tem como objetivo principal informar a comunidade a qual pertence deve permanecer em constante diálogo com a população e nunca se manter isolado. “O jornal comunitário é muito mais do que um órgão de informação; é um instrumento de mobilização. É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas” (CALLADO, 1986, p. 8). Além disso, os jornais só conseguem se estabelecer graças a participação da comunidade, com profissionais que estejam preocupados com as reivindicações locais e, principalmente, que saibam ouvir.

Para Melo (2007), a função dos jornais do interior é diferente se comparada a dos grandes veículos. Muitas vezes as informações já são de conhecimento geral da população devido à proximidade, “pois, enquanto na capital o jornal é aquele que vem apresentar os fatos pela primeira vez, no interior o jornal vem precisar uma informação que já circula em forma de boato. Sua função não é dizer, mas legitimar, precisar” (MELO, 2007).

Também é notável o crescente interesse das empresas jornalísticas pela imprensa interiorana, pensando esse espaço como uma oportunidade mercadológica:

Várias práticas de empresas comerciais regionais também se apresentam como comunitárias, quando nem toda comunicação local pode ser assim denominada. Trata-se de uma confusão natural, visto que o comunitário não pressupõe uma compreensão uníssona, nem a comunicação popular tem o propósito de trabalhar com exclusividade com os temas comunitários (PERUZZO, 2002, p. 73).

As redações do interior possuem características pré-industriais que não devem ser descartadas pela comunicação de massa, conforme Correia (2004) pois são importantes para a prática jornalística. Dentre essas características, podemos citar a quantidade reduzida de publicidade em comparação aos grandes veículos, a produção de conteúdos jornalísticos que consideram as preocupações e problemas cotidianos da população local e a utilização de recursos discursivos específicos e de conhecimentos comuns compartilhados pelos moradores da região.

A lógica do jornalismo como negócio está presente desde a sua consolidação como conceito, independente do local onde está sendo aplicada. No entanto, isso não significa que os profissionais não estejam preocupados com a população, nem objetivem a formação de uma consciência cidadã, mas utilizam essas estratégias para chegar ao lucro e essa é uma tendência que tem futuro na comunicação local. “No fundo, a tática é interagir com a ‘comunidade’ local enfocando temas específicos do lugar” (PERUZZO, 2004, p. 18).

Embora seja difícil determinar o que seria o espaço “local” de atuação dos jornais do interior, considerando o cenário de globalização no qual o mundo se encontra, “o local se caracteriza como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar, que lhe diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes” (PERUZZO, 2013, p. 4). É a partir desse sentimento de pertença que as pessoas estabelecem o que é mais relevante para si.

Conforme Ortiz (1999), a delimitação de um espaço se dá na comparação de um determinado lugar com outros. O local e o regional, portanto, são distinguidos quando colocados em relação a outros tantos espaços como o nacional e o global. No entanto, as demarcações territoriais não são os únicos fatores que influenciam na percepção de pertencimento. Os aspectos identitários e simbólicos são mais determinantes para a identificação do local do que a demarcação geográfica propriamente dita. Ou seja, as características do local estão ligadas à uma delimitação relacional.

O “local” se confunde, assim, com o que nos circunda, está “realmente presente” em nossas vidas. Ele nos conforta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade. Talvez, por isso, pelo contraste em relação ao distante, ao que se encontra à parte, o associemos quase que naturalmente à ideia de “autêntico” (ORTIZ, 1999, p. 59 apud COSTA, 2002, p. 55).

O local é aquilo que se recorta das demais regiões. Um espaço de proximidade no qual a população se sente familiarizada e distinta de outros tantos lugares. Todavia, as marcações

territoriais do local são imprecisas, “principalmente na perspectiva dos meios de comunicação que, com os avanços tecnológicos, podem se deslocar do local ao universal num mesmo processo comunicativo ” (PERUZZO, 2004, p. 4).

Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo “local”. [...] Este “local” não deve ser, naturalmente, confundido com velhas identidades, funcionalmente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização (HALL, 1998, p.77-78).

Nesse aspecto, as identidades locais e comunitárias se reforçam e o sentimento de pertencimento, que parecia estar à beira da extinção com o movimento de globalização, se torna ainda mais presente.

3 HISTÓRIA DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

A história da imprensa no Rio Grande do Sul está intimamente relacionada com as mudanças políticas e disputas pelo poder, seja na forma de combates, seja na forma de revoluções, seja através das publicações.

Muitos jornais foram lançados no estado, alguns permaneceram por muito tempo, outros um tanto efêmeros, mas é certo que uma das marcas dessa imprensa, ao menos em seus anos iniciais, se caracteriza pelo caráter político-ideológico que se fazia presente nas publicações.

Segundo Barreto (1986), o primeiro jornal do Rio Grande do Sul surgiu em 1827, em uma época em que a legislação a respeito da liberdade de imprensa ainda estava sendo discutida. No ato complementar de 24/06/1808, o príncipe regente D. João designou que a Junta Diretora, entre outras funções, deveria “examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (SODRÉ, 1966, p. 19). No entanto, essas condições não satisfaziam amplamente nenhuma das partes. Por isso, foram decretados uma série de atos a partir de 1821 com o objetivo de proporcionar uma relativa liberdade de imprensa (BARRETO, 1986).

Ericksen (1977), também, verifica as condições que possibilitaram o surgimento da imprensa, analisando diversas publicações que circularam no estado na primeira metade do século XIX. O *Diário de Porto Alegre*, fundado a 1º de junho de 1827, foi o primeiro jornal a ser publicado na cidade e é a partir do seu surgimento que a história da imprensa no Rio Grande do Sul começa a se formar. A tipografia utilizada para a impressão do jornal foi comprada no Rio de Janeiro com o apoio do governador da província, o Brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, e chegou na cidade no dia quatro de agosto de 1822.

Com o desenvolvimento social, político e econômico da sociedade gaúcha, foram se criando condições para a manutenção da imprensa. Em 1810, havia seis mil habitantes em Porto Alegre; já em 1830, esse número passou para 15 mil. Portanto, havia a necessidade de informar um público letrado que começa a progredir com a melhoria das condições civilizatórias (RÜDIGER, 1998). A ideia do Governo era inaugurar uma imprensa na cidade que informasse a população, mas que servisse, também, como espaço para publicações do seu agrado. Essa postura tinha como objetivo diminuir os boatos e informações contraditórias ao Governo, que poderiam abalar a confiança do povo, seu principal pilar de sustentação.

O *Diário de Porto Alegre*, no entanto, não permaneceu ativo durante muito tempo, encerrando suas atividades, conforme Barreto (1986), no dia 30 de junho de 1828. Cinco dias depois, fora lançado *O Constitucional Rio-Grandense* para substituir o *Diário*, tendo como

redator Vicente Ferreira Gomes, que também atuou no *Diário. O Constitucional* propunha-se como um jornal político e literário e “dedicava-se às transcrições, aos comunicados, avisos e anúncios, havendo também uma secção noticiosa, nem sempre, porém, publicada” (BARRETO, 1986, p. 28).

Outro jornal importante na história da imprensa gaúcha é o *Sentinella da Liberdade na Guarita ao Norte da Barra do Rio Grande de S. Pedro*, posteriormente nomeado como *Sentinela da Liberdade*, fundado no dia dois de março de 1830. Embora tenha sido um dos melhores jornais de Porto Alegre, se caracterizando por uma postura de embate e luta, conforme Barreto (1986) a publicação sofria com as constantes retaliações do seu editor, Cláudio Dubreuil, e do seu redator, Lourenço Júnior de Castro.

É importante verificar, também, o processo social pelo qual estava passando a imprensa gaúcha no que tange à prática, sentido e valor do próprio jornalismo. “O jornalismo nasceu, como se sabe, dentro do processo de formação do mundo moderno” (RÜDIGER, 1998, p. 13). Os primeiros jornais, desconsiderando os que foram inaugurados segundo sua própria iniciativa, surgiram com o patrocínio do Estado como uma forma de controlar a opinião pública. E o jornalismo moderno nasce na efervescência de uma imprensa que começa a se desvincular do patrocínio, deixando como segundo plano o fator financeiro, buscando dar voz à opinião pública.

Como forma de entender e periodizar a história da imprensa no Rio Grande do Sul, Rüdiger (1998) afirma que o jornalismo gaúcho conheceu duas fases ou melhor dois regimes: o jornalismo político-partidário e o informativo e indústria cultural. No primeiro regime, o conceito de jornalismo político-partidário se torna dominante desde as primeiras publicações do século XIX, até a década de 1930. “A segunda, dominada pelos conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, começou a se gestar lentamente no início do século, quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas, e se consolidou com a formação das atuais redes e monopólios de comunicação” (RÜDIGER, 1998, p. 11).

O surgimento do jornalismo político-partidário está relacionado à ascensão dos tipógrafos a cargos políticos e a transformação da imprensa em um importante agente da vida política (RÜDIGER, 1998). “Os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiram as redações propriamente falando, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidou uma racionalidade em seu funcionamento” (RÜDIGER, 1998, p. 28). O jornalismo, nesse cenário, assume a forma político-partidária, tornando-se um modo de influenciar na construção da opinião pública. Esse jornalismo se caracteriza, portanto, pelo caráter opinativo

das publicações, servindo como um espaço para os partidos expressarem suas convicções para a sociedade. Cabe ao jornalismo fazer a gestão da opinião pública.

Eram, portanto, os fatos e as notícias políticas que moviam e mantinham acesa a chama do jornalismo provinciano, ora sob o poder dos conservadores, ora sob o governo dos liberais. Segundo Barreto, essa situação “contribuía para enfraquecer ou deteriorar a situação financeira do dono, dado o risco das perseguições continuadas dos detentores do mando” (1986, p. 15).

Seguindo em uma linha diferente, no entanto, Hohlfeldt (2006) faz uma crítica às periodizações feitas por Rüdiger (1993) e Clemente, Silva e Barbosa (1986) a respeito da história da imprensa gaúcha. Para o autor, a divisão proposta por Rüdiger, em seu livro *Tendências do jornalismo*, sugere dois grandes regimes jornalísticos: político e informativo que são atravessados por muitas subdivisões que levam a uma análise de cinco elementos diferentes ao todo. No caso do livro *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*, de Clemente, Silva e Barbosa, salienta que a divisão em três fases: a inicial, a da consolidação e a moderna também não atingem plenamente os objetivos de periodizar a imprensa e se subdividem em demasia, algumas delas, em outras subfases. O autor acrescenta que “esses dois trabalhos, além do mais, tomam como referências datas que pouco ou nada têm a ver com a própria história da imprensa, em sentido estrito” (HOHLFELDT, 2006, p. 1).

Hohlfeldt opta pelo período situado entre 1860 até o ano de 1937 para analisar a história da imprensa gaúcha no seu sentido estrito, ou seja, o jornalismo informativo e opinativo. Segundo o autor, essa escolha se deve ao fato dos jornais incorporarem o conceito de *empresa jornalística* somente a partir de 1860, mesmo que alguns ainda estivessem vinculados a partidos políticos. Os “diretores e editores sabem que precisam atender a demandas de seu público, adotando algumas práticas da maioria dos jornais do centro do país, como a publicação de *folhetins*, por exemplo. Assim é que os encontraremos em todas as publicações, independentemente de sua ideologia” (HOHLFELDT, 2006, p. 4). Há, portanto, uma mudança nos princípios ideológicos dos jornais, buscando atender às demandas da população. Como o *Correio Rural* surge no início do século XX, a periodização que utilizaremos neste trabalho é a proposta por Hohlfeldt.

Com o final da revolução de 1845, diminuíram as perseguições aos tipógrafos e aos editores dos jornais e iniciava, aos poucos, um período de maior respeito a liberdade de imprensa, permitindo que jornais como o *Imparcial*, *O Comércio*, *O Correio de Porto Alegre*, *O Mercantil* e o *Farol* permanecessem com suas publicações e modernizassem seus formatos (BARRETO, 1986). Além disso, os jornais começam a adquirir um caráter mais noticioso,

modificando suas feições e se aproximando do modelo europeu de produção de folhetins, conforme o autor.

A passagem entre o regime político-partidário para o jornalismo informativo moderno foi mediada social e historicamente pelo jornalismo literário independente (RÜDIGER, 1998). Essa forma alternativa de jornalismo surgiu da crescente demanda da população por assuntos culturais, científicos e da humanidade em geral. O jornalismo literário independente soube aproveitar as potencialidades do novo desenvolvimento social-econômico em curso, com a parceria de comerciantes locais. Esse movimento procurou romper com a falta de preocupação das folhas anteriores em relação à informação, “especializando-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário” (RÜDIGER, 1998, p. 50).

O modelo jornalístico literário-noticioso teve o seu auge entre os anos de 1890 e 1920. O número de jornais que seguiram essa tendência cresceu consideravelmente, na medida em que o desenvolvimento econômico e social do estado propiciou a modernização dos centros urbanos (RÜDIGER, 1998). Até o ano de 1889, “a imprensa no Rio Grande do Sul caracterizava-se pelas suas tendências políticas, influenciando diretamente sobre a opinião pública de acordo com os interesses e conveniências de cada partido na discussão de todos os problemas” (ERICKSEN, 1977, p. 33). Essas transformações foram, portanto, ocorrendo gradativamente e em diferentes escalas conforme o local onde os periódicos eram produzidos, muitas vezes, coexistindo o modelo político-partidário, o literário e em transição para a fase moderna.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, surgiram diversos jornais do interior como o *Diário Popular* (1890), *A Voz da Serra* (1929), *A Razão* (1934), *O Diário da manhã* (1935) e *A Plateia* (1937). Em um primeiro momento, “essas folhas procuraram substituir o colonismo pela notícia, o artigo político pela reportagem ou pela entrevista, forçando uma mudança de mentalidade que contribuiu para a troca da arte de escrever pela captação objetiva dos fatos na profissão do jornalista” (RÜDIGER, 1998, p. 73). Esses jornais estavam preocupados em se adequar ao modelo jornalístico em mutação e sobreviver como periódicos, privilegiando o conteúdo noticioso. Mesmo assim, grande parte dos periódicos continuaram a reproduzir o discurso político-partidário, tendo em vista que a maioria dos seus diretores estavam envolvidos na política ou pertenciam a um determinado partido.

Dentre as principais mudanças na prática jornalística entre 1870 e 1930, Hohlfeldt (2006) salienta que:

I) o jornalismo se adequa a lógica da indústria cultural, estruturando-se como uma empresa jornalística, além de se preocuparem com a produção de conteúdo para o público leitor

e divulgarem os seus princípios ideológicos, mesmo os que ainda estavam vinculados a partidos políticos, como *A Federação*;

II) A imprensa industrial começa a investir na multiplicidade de públicos, tendo em vista os diferentes segmentos populacionais que estavam se alfabetizando e entrando em processo de urbanização. Exemplos dessa nova postura são a imprensa partidária, literária, feminina, cultural, as revistas ilustradas, as publicações destinadas aos jovens, as caricaturas e charges, jornais da população de origem estrangeira e jornais operários;

III) Os jornais aumentam o número de tiragens e conseguem alcançar uma maior parcela da população que, gradativamente, se desenvolvia e se alfabetizava, gerando um novo público leitor. A publicidade também passa a ser um importante apoio financeiro para a manutenção e permanência das publicações;

IV) Surgem publicações que focam no lazer, no divertimento e no cotidiano das cidades, considerando os novos segmentos consumidores que se formavam;

V) Valorização da informação como peça fundamental para construção das publicações, embora com a convivência com o jornalismo político-partidário. A partir do *Correio do Povo*, a informação adquire um papel prioritário, enquanto o lazer e a publicidade se afirmavam nas páginas dos jornais;

VI) Participação dos jornais nas diferentes linhas ideológicas da época, defendendo, por vezes, partidos políticos e ideais revolucionários. Independente de estarem vinculados a partidos ou não, debatiam os assuntos da nacionalidade;

VII) Aumento no número de páginas e modificação de formatos e tamanhos como a passagem de tabloides para *standard* (os jornais só passariam para tabloide novamente a partir da década de 50);

VIII) Aumento da perseguição policial e censura das publicações, bem como fechamento das redações em 1890 e, posteriormente, com o Estado Novo em 1937. Em 1891, também, a liberdade de imprensa é inscrita na carta magna do Rio Grande do Sul por Júlio de Castilhos;

IX) Confiança em um papel transformador das palavras.

Em seu livro *Um século de poder*, Galvani (1995) conta a história de um dos jornais mais expressivos do Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo*, fundado no dia 1º de outubro de 1895 pelo poeta, escritor e jornalista Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior. Na época de sua inauguração, o modelo jornalístico dominante ainda era o político-partidário, caracterizado pela ligação e, muitas vezes, pertencimento de alguns jornais a determinados partidos e órgãos do poder. Além disso, o jornal possui uma importância social, econômica e política para o estado

pois contribuiu para o registro de mais de um século de história, considerando as inúmeras notícias e reportagens que publicou ao longo dos anos.

Certo dia, quando Caldas Júnior terminava seu expediente no *Jornal do Comércio* e seguia junto com um amigo para um café, segundo Galvani, anunciou a seguinte ideia:

Quero fundar em Porto Alegre um jornal diferente de todos os que temos tido até aqui. Tenho para tanto os recursos - 20 contos de réis [...] Sem partidarismos, um jornal para as massas, livre, independente, que não há de ser lido apenas por indivíduos desta ou daquela facção, mas por todo o mundo. Um jornal, enfim, que não será escravo de políticos, nem de politiqueros. Um jornal no bom sentido (GALVANI, 1995, p. 27).

Levando em consideração todas as características e transformações citadas anteriormente, Hohlfeldt afirma ser fundamental o período entre 1870 e 1930 para a análise da história da imprensa sul-rio-grandense e brasileira. O autor propõe, portanto, não uma periodização fixa, mas um conjunto de tendências, práticas e modelos que se atravessam e se transformam ao longo dos anos e coexistem durante esse momento. E foi nessa configuração da imprensa do início do século XX que surgiu o jornal *Correio Rural* de Viamão.

3.1 HISTÓRIA DA CIDADE E DA IMPRENSA VIAMONENSE

O município de Viamão se localiza na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A sua formação populacional é muito diversificada, sobretudo, devido às colonizações jesuíticas e açorianas, além da povoação indígena que já ocupava as terras. O município, portanto, foi um dos primeiros núcleos de povoamento do estado.

Em meados do século XVIII, o território gaúcho já deixara de ser apenas uma zona de passagem entre Laguna e a Colônia do Sacramento e, aos poucos, começaram a se estabelecer os primeiros moradores. Os colonizadores se fixaram no Rio Grande do Sul em busca da riqueza dos campos, utilizados para sediar as primeiras estâncias de criação de gado. Um dos primeiros registros que se tem dos moradores de Viamão é de Cosme da Silveira, integrante da frota de João Magalhães, que em 1725 já se localizava no município.

A data de fundação da cidade é de 14 de setembro de 1741, época em que estava se formando o Povoado da Capela Grande. Nesse mesmo ano, Francisco Carvalho da Cunha estabelece-se nos campos de Viamão, no sítio chamado Estância Grande, onde ergueu a capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, atual Igreja Matriz de Viamão (RODRIGUES, 2008). Devido à sua importância histórica, social e cultural, a igreja foi tombada em nível nacional e

considerada patrimônio cultural brasileiro, pelo decreto de julho de 1938. Ela faz parte do primeiro lote de tombamentos do Brasil, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, é a segunda igreja mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, sendo considerada, portanto, um dos símbolos mais significativos da identidade local.

FIGURA 1 – CALÇADÃO TAPIR ROCHA/ CENTRO DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

FIGURA 2 – GRUPO DE RESTAURADORES DA IGREJA MATRIZ DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

A importância geográfica da cidade está relacionada à sua posição estratégica “na ligação entre o litoral e o interior do continente, servindo como porta de acesso aos primeiros

colonizadores portugueses que chegaram pelo litoral e adentraram pela Província do Rio Grande de São Pedro” (SOUZA, 2008, p. 42).

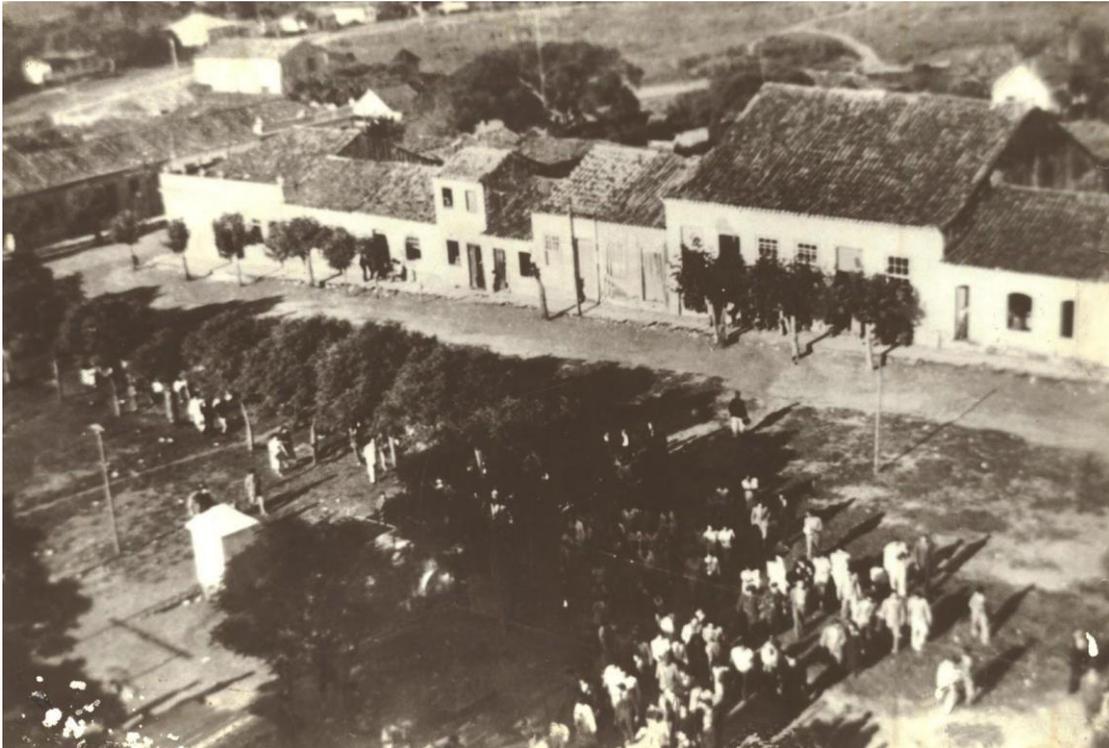
A cidade tem, portanto, uma importância fundamental na formação histórica, cultural, social e econômica do Continente Sul-americano (SOUZA, 2008). Conforme o autor, isso se deve ao fato das inúmeras gerações que se formaram ao longo do tempo, bem como do esforço dos habitantes na construção da sociedade local. O município, também, serviu de sede administrativa do governo do Rio Grande de São Pedro durante os anos de 1763 e 1773 devido à invasão do estado pelos espanhóis. Posteriormente, a sede foi transferida para Porto dos casais, atual Porto Alegre.

FIGURA 3 - AVENIDA MARCOS DE ANDRADE/ CENTRO DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

FIGURA 4 - PRAÇA DA MATRIZ/ CENTRO DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

O surgimento da imprensa em Viamão iniciou com a própria fundação do jornal *Correio Rural*, inaugurado no dia 25 de novembro de 1912, pelo advogado, político e jornalista Alcebíades Azeredo dos Santos. O jornal foi a primeira publicação a circular na cidade e continua sendo publicado até os dias atuais, completando 105 anos em 2017. No início do século XX, a cidade estava começando a se estruturar urbanisticamente, embora ainda fosse majoritariamente agrícola e pastoril. Isso se deve ao fato de o município ter se tornado autônomo apenas em 11 de junho de 1880 pela lei nº 1247 (BARROSO, 2008).

FIGURA 5 – INTENDÊNCIA MUNICIPAL DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

FIGURA 6 – PRIMEIRA ESCOLA MUNICIPAL DO CENTRO DE VIAMÃO



Fonte: Paulo Lilja/ Departamento de Memória Cultural de Viamão.

3.1.1 CORREIO RURAL

FIGURA 7 – CAPAS DO CORREIO RURAL



Fonte: Milton Zani dos Santos/ Correio Rural.

Como não existem muitas referências bibliográficas nem muitos arquivos a respeito da história do jornal *Correio Rural*, utilizaremos as publicações em que o próprio periódico conta sobre a sua trajetória e o método de história oral, utilizando uma entrevista com o atual diretor e jornalista do *Correio* Milton Zani dos Santos¹.

O método de história oral se desenvolveu muito ao longo dos anos e cada vez mais é utilizado para a realização de pesquisas dentro e fora da academia. A metodologia se torna basilar para uma nova compreensão do passado e para recuperar acontecimentos através de depoimentos, lembranças, entrevistas e transcrições de memórias. Portanto, são fundamentais a “comunicação entre o saber acadêmico e as necessidades regionais para se promover o registro e o exame social de partes que se impõem como agentes históricos” (MEIHY, 1996, p. 8). Além disso, a história oral leva em consideração as experiências pessoais de diversas comunidades e depoimentos de grupos muitas vezes silenciados que contribuem para o não esquecimento de fatos importantes da história, servindo, também, como forma de “denúncia e porta-voz de injustiças” (MEIHY, 1996, p. 9).

¹ Entrevista realizada na residência do atual diretor do Correio Rural, em Viamão, no dia 05 de outubro de 2017.

3.1.2 O CRIADOR DO JORNAL

O criador de *O Viamonense*, Alcebíades Azeredo dos Santos, nasceu no dia 11 de agosto de 1883 no bairro Lombas, zona rural de Viamão que pertence ao 3º Distrito, próximo ao município de Santo Antônio da Patrulha. Alcebíades era filho dos viamonenses Franklin Flores dos Santos e Tereza Fortunata dos Santos (CORREIO RURAL, 2012, p. 4).

FIGURA 8 – ALCEBÍADES AZEREDO DOS SANTOS



Fonte: Milton Zani dos Santos/ Correio Rural.

Conforme os anos foram passando, Alcebíades iniciou seus estudos no ginásio e, mais tarde, começou a trabalhar. Após participar de algumas aulas públicas em Viamão, ministradas pelo professor Meireles Goulart Bitencourt, Alcebíades foi para Porto Alegre para trabalhar como caixeiro de um armazém que se localizava na rua Benjamim Constant. Também foi chamado para auxiliar na Secretaria da Fazenda da capital, onde se tornaria funcionário anos mais tarde (CORREIO RURAL, 2012, p. 4).

O primeiro contato que teve com o jornalismo foi quando exerceu a função de entregador de jornais do *Correio do Povo*, dirigido, na época, pelo seu fundador Caldas Júnior. Logo após, começou a escrever alguns textos para o jornal *O Exemplo* (1892), fundado por um grupo de homens negros em Porto Alegre (CORREIO RURAL, 2012, p. 4). O periódico tinha como principal objetivo denunciar e combater o racismo, se tornando o primeiro jornal da imprensa negra do Rio Grande do Sul (PINTO, 2006). O engajamento na luta contra a discriminação racial, portanto, esteve sempre presente na vida de Alcebíades, que publicou diversas vezes no jornal, inclusive, algumas poesias de sua autoria. O texto a seguir foi publicado por Alcebíades no jornal *O Exemplo* no dia 13 de maio de 1904, data alusiva à abolição da escravatura:

O dia de hoje

Hoje, 13 de maio, dia que assinala a confraternização dos brasileiros, não podemos calar o nosso entusiasmo por esta áurea data, uma das mais gloriosas que nos apresenta a história brasileira. Assim como o dia 15 de novembro, dia que foi proclamada a República, relembra o fato que mais entusiasmo e alegria despertou naqueles que trabalharam sinceramente para o evento desta forma de governo no Brasil, também o dia 13 de maio, recorda a portentosa lei que deu a liberdade a milhares e milhares de criaturas que viviam sobre o cruel domínio da escravidão, e mais ainda: a afirmação de igualdade de condição política dos cidadãos. A nossa modesta folha, pois, ressurgindo no dilúculo de 13 de maio, data que efusivamente festejamos, vem despertar o espírito adormecido, de um povo desprotegido, vítima das injustiças e de todos os abomináveis preconceitos; avisando-o que ainda existe no seio da nossa sociedade, elementos fortes e compactos que clamam e combatem pelos nossos direitos, embora não tendo o necessário alumramento, mas inspirados pela grandiosa esperança de, em breve tempo, verem erguer-se o nível moral e intelectual de nossos iguais. Assim, pois, rememorar este transcendente acontecimento humano, que nos marca a legenda de nossa pátria, é o dever intangível de todo aquele que consagra amor verdadeiro às causas nobres e dignas como o foi da libertação da escravatura. Por isso, jubilosamente, saúdo ao dia 13 de maio, porque veio trazer-nos a aurora magnífica da liberdade! Salve! 13 de maio! (O EXEMPLO, 1904, p. 2).

Alcebíades, assim como seus pais e familiares, era negro e foi apelidado pelos moradores viamonenses de “macaco”. O apelido ganhou tal proporção que a sua família ficou conhecida como “família dos macacos”, os donos do jornal o *Correio Rural* (SANTOS, 2017).

Alguns anos mais tarde, Alcebíades volta para Viamão e inicia a sua carreira pública como tesoureiro e secretário da Prefeitura, escrivão da Polícia Civil e do crime, vereador e, também, exerceu a Presidência da Câmara. Embora não tenha cursado o ensino superior em advocacia, estudou sobre a profissão e adquiriu conhecimentos jurídicos para se tornar um rábula². Em 1904, presta concurso para advocacia e recebe o direito do Supremo Tribunal do Estado de exercer a profissão (CORREIO RURAL, 2012, p. 4).

Alcebíades estava politicamente alinhado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), dirigido, na época, por Júlio de Castilhos. Devido à extinção do PRR, militou no Partido Republicano Liberal que era coordenado pelo general Flores da Cunha. Além disso, foi um dos fundadores do já extinto Partido Social Democrático.

Após conquistar uma reputação sólida na vida pública e ser respeitado no campo jurídico, no dia 25 de novembro de 1912 Alcebíades decide fundar o primeiro jornal da cidade de Viamão: *O Viamonense* (SANTOS, 2017). Alcebíades conseguiu inaugurar o jornal graças a um acordo que fez com um alemão, ao comprar sua tipografia que estava falindo, localizada em Porto Alegre. Em seguida, transporta a máquina impressora e os inúmeros tipos para Viamão e começa a publicar *O Viamonense* semanalmente. A partir daí inicia, efetivamente, a sua caminhada como jornalista. Nesse mesmo período ele se casou, teve três filhos e, devido à uma decisão da Secretaria da Fazenda, em 1929 foi mandado para Gravataí para exercer a função de Fiscal do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Como não tinha com quem deixar a direção do jornal em Viamão, Alcebíades se mudou para Gravataí, levando a família e o jornal consigo (CORREIO RURAL, 2000, p. 5).

Enquanto o jornal se estabelecia na nova cidade, no entanto, surgiu um impasse: a população gravataiense não admitia que um jornal se chamasse *O Viamonense* e publicasse informações sobre Gravataí. Por isso, como forma de ser aceito e continuar circulando, em 1930 o jornal passou a se chamar *Correio Rural* (FRANCO, 2012, p. 9). Em Gravataí, Alcebíades ganhou forças dentro do sistema judiciário e fez importantes alianças. Uma dessas alianças originou a amizade com Osório Corrêa, que futuramente se tornaria um dos diretores do jornal, o qual ajudou durante muito tempo no crescimento do periódico (SANTOS, 2017).

Em 1936, Alcebíades volta para Viamão em novo matrimônio, pois a primeira esposa havia falecido e também traz consigo o jornal. No entanto, o jornalista continuou distribuindo o periódico em Gravataí, pois Osório Corrêa permaneceu como correspondente da cidade.

² Antigamente, as pessoas podiam exercer a advocacia sem possuir formação em Direito desde que tivessem conhecimento das leis, além de assinarem como se fossem advogados.

Embora tenha voltado para a sua cidade natal e restabelecido o funcionamento do jornal, Alcebíades conservou o nome *Correio Rural*, título que perdura até hoje (CORREIO RURAL, 2000, p. 5).

Além do auxílio dos filhos Zenon e Adonis dos Santos, o jornalista contou com a colaboração dos amigos viamonenses Américo Vespúcio Cabral e Virgílio Godói. Em 1941, a segunda esposa de Alcebíades veio a falecer e ele se casou pela terceira vez com Otília Carvalho dos Santos, com a qual teve quatro filhos (SANTOS, 2017). Na década de 50, o filho mais jovem do segundo casamento, Milcíades dos Santos, começou a participar da elaboração do jornal, conjuntamente dos seus irmãos Adonis e Zenon. Dentre os onze filhos que teve nos três matrimônios, apenas os filhos do segundo casamento, Adonis, Milcíades e Zenon dos Santos, participaram da produção do jornal (CORREIO RURAL, 2000, p. 5).

No dia 7 de setembro de 1962, surgia a Associação dos Jornais do Interior (ADJORI) com o objetivo de melhorar as condições de trabalho para os profissionais. O *Correio Rural* foi um dos idealizadores da entidade e participa das atividades da associação até hoje. Alcebíades veio a falecer alguns anos mais tarde, no dia 7 de dezembro de 1965, com 82 anos. O comando do jornal, portanto, passou para seus filhos Milcíades e Adonis dos Santos (SANTOS, 2017).

Em 1975, houve um incêndio no prédio do *Correio Rural* que acabou com parte de seu parque gráfico. Devido ao incidente, o jornal teve que suspender as atividades durante os meses de julho e agosto. Em setembro do mesmo ano, já com a nova sede construída, o *Correio Rural* volta a circular, sendo impresso na antiga impressora manual. Nesse período, Milton e Roni dos Santos, ambos filhos de Milcíades, começam a participar ainda mais da produção do periódico. E em 1982, com o falecimento de Milcíades, Milton e Roni assumem a diretoria do jornal (CORREIO RURAL, 2000, p. 5).

Entre os anos de 1983 e 1984, o jornal passou do formato *standard* para o tabloide com a chegada da impressão em *off set*. O parque gráfico também foi renovado nesse período e o jornal conseguiu se fortalecer ainda mais em Viamão. Em 1990, o comando do jornal passa para Milton e seu filho Vinícius dos Santos. A primeira edição colorida do *Correio Rural* foi impressa em 1991, em comemoração ao aniversário de Viamão. A partir daí o jornal adquiriu computadores e, aos poucos, se inseriu na era digital (SANTOS, 2017).

A edição de número 5.164, de 2012, marca os 100 anos de circulação ininterrupta do *Correio Rural*. O jornal passa por uma reestruturação e começa a ser publicado mensalmente em uma edição mais completa e migra, também, para o *CR online* com publicações diárias. No entanto, a população local sentiu falta das edições semanais e, por isso, o jornal iniciou a

publicação do *CR semana*, um caderno menor com notícias semanais da cidade para complementar a edição mensal (CORREIO RURAL, 2012, p. 4).

Na edição do dia 21 de outubro de 2016, o jornal anunciou que ampliaria a quantidade de edições para duas semanais: nas terças e sextas-feiras. Até então, o jornal circulava uma vez por semana nas sextas-feiras. E a partir da edição do dia 25 de outubro do mesmo ano, o *Correio Rural* começa a ser publicado duas vezes por semana, além das notícias diárias na internet através do endereço eletrônico: correiorural.com.br. Atualmente, no entanto, o jornal voltou a ser publicado semanalmente nas sextas-feiras e possui uma tiragem de 3000 exemplares.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

O percurso que realizamos até aqui foi fundamental para entender as características do jornalismo regional e as condições que proporcionaram o surgimento da imprensa em Viamão. A periodização de Hohlfeldt (2006) serviu para analisarmos o contexto e a configuração da imprensa no Rio Grande do Sul no início do século XX, no mesmo período em que foi inaugurado o jornal *Correio Rural*. Em seguida, fizemos um breve panorama acerca da história de Viamão, apresentando a própria história do periódico e dos seus fundadores.

4.1 METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos para analisar as publicações do jornal é a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo é um método fundamentalmente empírico que dispõe de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (p. 37).

Essa metodologia tem como principais objetivos a superação de incertezas, através da categorização dos elementos analisados e o enriquecimento da leitura, “visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 48).

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo é organizada em três diferentes fases: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

A pré-análise se caracteriza pela organização propriamente dita do material que será analisado. Um dos principais objetivos é sistematizar as ideias propostas a partir de um programa ou esquema que operacionalize as etapas seguintes. O primeiro passo é ter contato com os documentos a serem analisados através de uma leitura “flutuante” (BARDIN, 2011). Essa leitura possibilita que o analista se familiarize com os textos, além de inspirar as primeiras hipóteses e teorias.

Em seguida, é necessário fazer a escolha ou o recorte dos objetos a serem analisados a partir de regras como a exaustividade (que consiste em reunir todos os materiais existentes para a construção do *corpus*), a representatividade (o quanto a amostra é representativa no universo

do material escolhido), a homogeneidade (os documentos devem ser homogêneos e apresentarem semelhanças temáticas) e a pertinência (os objetos devem ser fontes de informação adequadas para a análise) (BARDIN, 2011).

O próximo passo consiste em formular as hipóteses e os objetivos que nortearão, ao menos inicialmente, a análise. São as primeiras ideias que surgem das suposições e teorias ainda não comprovadas pelo analista. Nessa etapa, é necessário estabelecer claramente o objetivo da análise que é a finalidade central para a qual o trabalho está sendo realizado (BARDIN, 2011). É importante, também, realizar a referenciação dos índices e a elaboração sistemática de indicadores para organizar os índices presentes no objeto de análise. Por último, a preparação dos materiais que pode ser feita na forma de edição dos conteúdos ou até mesmo na adaptação e codificação para o tratamento tecnológico. Por isso, a pré-análise é uma das etapas mais importantes, pois é a partir dela que se realiza a própria estruturação da análise, considerando a escolha dos documentos analisados, a formulação de objetivos e principais hipóteses e o direcionamento da análise (BARDIN, 2011).

A segunda fase, a exploração material, consiste em colocar em prática o que foi sistematizado pela pré-análise. É uma das etapas mais longas e cansativas em que o analista deve codificar, decompor, enumerar e categorizar o material a partir das regras pré-estabelecidas.

Por fim, na última fase, é preciso realizar o tratamento dos resultados brutos obtidos e interpretá-los de maneira que se tornem válidos e significativos. Esses resultados devem ser submetidos a testes que comprovem a sua veracidade e, a partir daí o analista deve propor inferências e interpretações. Um dos principais pilares da análise de conteúdo é a inferência, ou seja, a capacidade de deduzir de maneira lógica dados e informações de um determinado objeto a partir de certas premissas. É nessa etapa, também, em que se realiza a codificação dos conteúdos, utilizando determinadas regras para transformar os dados brutos em informações sistemáticas das características do objeto analisado (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo, embora venha sendo utilizada durante muito tempo para realizar diagnósticos através de categorizações sistemáticas, não é obrigatoriamente uma análise quantitativa. É possível, também, analisar qualitativamente os documentos selecionados. A abordagem quantitativa consiste em identificar a frequência com a qual determinados elementos aparecem nas mensagens de uma forma mais abrangente e estatística. Já a qualitativa se caracteriza por um processo mais intuitivo e adaptável, geralmente com um *corpus* reduzido, a índices não previstos, além de privilegiar inferências específicas e precisas sobre um dado acontecimento, sem grandes generalizações.

Neste trabalho, realizo uma análise quantitativa inicial para classificar as chamadas de capa e as matérias correspondentes às dez edições escolhidas do jornal o *Correio Rural*, organizando-as sistematicamente a partir de categorias como a temática, os títulos, os autores, os gêneros jornalísticos, citações de pessoas e lugares e as editoriais as quais os textos pertencem. Após a observação quantitativa, observo os critérios de noticiabilidade utilizados pelo veículo na publicação das matérias, além de descrever e interpretar o discurso jornalístico e entender como o próprio jornal e a população compreendem a história do periódico em Viamão.

4.2 PRÉ-ANÁLISE

Durante a pré-análise, realizei a leitura das capas, das notícias e das reportagens das edições do jornal exaustivamente, conforme as etapas propostas por Bardin (2011), para me familiarizar com o objeto de análise e identificar quais eram os períodos mais significativos e representativos para a análise. Terminada essa leitura flutuante, decidi o recorte e escolhi as edições correspondentes ao cinquentenário do *Correio Rural*, em 1962, e as treze demais edições em comemoração ao centenário, publicadas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2011 e março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2012. Esse recorte, no entanto, foi pensado em vista de não ter acesso a todas as edições do jornal, muitas delas se perderam ao longo do tempo, e porque as edições comemorativas disponíveis não eram suficientes para analisar a história contada pelo jornal de década em década. As edições alusivas aos 50 anos e aos 100 anos, por sua vez, apresentam mais reportagens, notícias, artigos e anúncios a respeito da história do jornal, do que as edições comemorativas da década de 60, 80 e 90.

Como grande parte das edições iniciais do jornal não puderam ser inseridas no *corpus* da análise, delimito como objetivo principal analisar as edições comemorativas dos 50 anos e dos 100 anos, cruzando com a história oral.

Para definir melhor o objetivo e iniciar a categorização dos textos do jornal, foram elaborados os seguintes índices: referência ao aniversário do jornal - considerando todas as citações, anúncios e homenagens presentes nas edições comemorativas; referência à história do jornal - compreendendo esse índice como todos os textos que tratam da história do jornal e auxiliam a recuperar a própria história do *Correio Rural* e, por último, a partir de que ponto de vista a história do jornal é contada - entendendo aqui todos os textos, produzidos pelo jornal ou não, a respeito da história do periódico, bem como das suas transformações ao longo dos anos.

FIGURA 9 – EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 1962

CORREIO RURAL

DEUS
PÁTRIA
HUMANIDADE

Numero 1

Ann LI

Orgão Independente

Patrocina os interesses da Comarca de Viamão

Director
MILCIANES DOS SANTOS

Fundador
ALCEBIANES A. DOS SANTOS

Viamão—Estado do Rio Grande do Sul—Brasil

Domingo, 23 de Novembro de 1962

1912 — 1962

Com o presente número comemoramos CINQUENTA ANOS de publicação ininterrupta.

CINQUENTA ANOS de lutas, de caminhos, sempre para sermos pioneiros.

E esses CINQUENTA ANOS que hoje comemoramos, são o trabalho, são os sonhos de nossos orgulhosos, inteiros, são nossos os períodos nacionais que ponderam completamente suas "Bolsas de Ouro" divididos por uma só família — a FAMILIA SANTOS — que desde a sua fundação em 1912 vem passando de pai para filho.

Podemos dizer que o jornal é a vida, é a própria alma de Alcebiades Azeredo dos Santos, seu fundador e que os seus filhos levam em frente o seu trabalho iniciado em plena juventude.

As vestidas paradas de nossa juventude que testemunhas mudas e silenciosas dos sonhos de uma juventude que, entre elas, se perderam e desapareceram, agora, a revez do tempo que se acumulou a honraria a cabeça do nosso fundador.

CINQUENTA ANOS E uma só família, por esse tempo toda, em luta, em busca e empenhada gloriosamente, entusiasmadamente, circulem um jornal que é nada e sua vida, que é toda a sua obra.

Essa é a missão de nossa revista.

CINQUENTA ANOS de luta continua, sem interrupção e sem desistência.

O nosso jornal, modesto, mas sustentado com fôlego de conduta elevada, tem vivido estes CINQUENTA ANOS e pode, com grande vitória, apresentar uma folha corrida bem grande de serviços a comunidade.

Defendemos com ardor as grandes causas, mas, nunca deixamos, graças a Deus, ao mesmo ou a linguagem de baixo calão.

Emprego sem conta, incompreensão e mal entendidos, por certo houve por esse longo período, mas uma coisa é certa: o CORREIO RURAL, o ex-"O Viamãoense", sempre pugnou pelos ideais de progresso, sempre lutou para que Viamão seguisse a trilha da grandeza que os cidadãos brasileiros poderiam trilhar.

E nada nos demoveu do programa que foi traçado em 25 de novembro de 1912.

Agora, CINQUENTA ANOS depois, CORREIO RURAL, continua pagando pelos mesmos ideais de progresso e de conduta entre os viamãoenses.

E a nossa luta continuará.

Se o balanço de parte material não ajuda a sustentar nossos trabalhos, a juventude da parte moral vem sempre a continuar no Deus.

Nos, humildes jornalistas de modesta, mas honrada existência, como todos os criaturas humanas, temos dentro de nós, a influenciar nossos espíritos, duas forças antagonistas que lutam sempre.

De um lado vem a voz do egoísmo, do interesse impudico, do orgulho insuperável e da ambição.

De outro lado, vem a voz da abnegação, do ideal, da desprendimento, a voz que nos manda prosseguir, que nos incentiva a trabalhar por um ideal palpável e concreto, qual seja o da felicidade coletiva.

Esta voz nos diz que não devemos desistirmos, quando os problemas da nossa coletividade, desorientando os condutores do povo nos seus momentos históricos e deixando seus erros, nos lado. Temos, então, três caminhos para seguir: a gratificação humana.

Por isso é que colocamos novo alento para prosseguirmos, ainda com mais entusiasmo, na luta de constante trabalho, esperando grandes coisas para o futuro.

Ao nosso fundador — Alcebiades Azeredo dos Santos — fazemos chegar, neste momento, os nossos efusivos parabéns e, ao mesmo tempo, o nosso agradecimento por nos ter dado este oportuno trabalho, segundo suas grandes e honestas intenções, profundamente a graça de Deus, o saudar CINQUENTA ANOS de existência e de vida consagrada ao povo bom, ao povo altruísta, ao povo sincero de nosso querido Viamão.

Nas lutas deste povo deixamos estes CINQUENTA ANOS de luta, mas não nos desistimos, está a nossa esperança de prosseguir sempre trabalhando em prol do progresso e da cultura viamãoense.

Homenagem aos nossos Fundadores



Alcebiades Azeredo dos Santos

Fundador do CORREIO RURAL, que hoje vê, com grande alegria, o seu único filho completar 50 anos de existência.



AMANDA CARVALHO DOS SANTOS

que, há dois anos, está sobrevida em lembranças desta obra que ela ajudou a criar.

Fonte: Milton Zani dos Santos/ Correio Rural.

FIGURA 10 – EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 2012



Fonte: Milton Zani dos Santos/ Correio Rural.

4.3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL (QUANTITATIVA)

Na análise quantitativa, foram catalogados 107 textos, considerando as edições comemorativas de 1962 e as de 2011 - 2012, a partir do seguinte modelo de ficha:

Título:

Autor (a):

Tema:

Gênero textual:

Citações (pessoas, lugares):

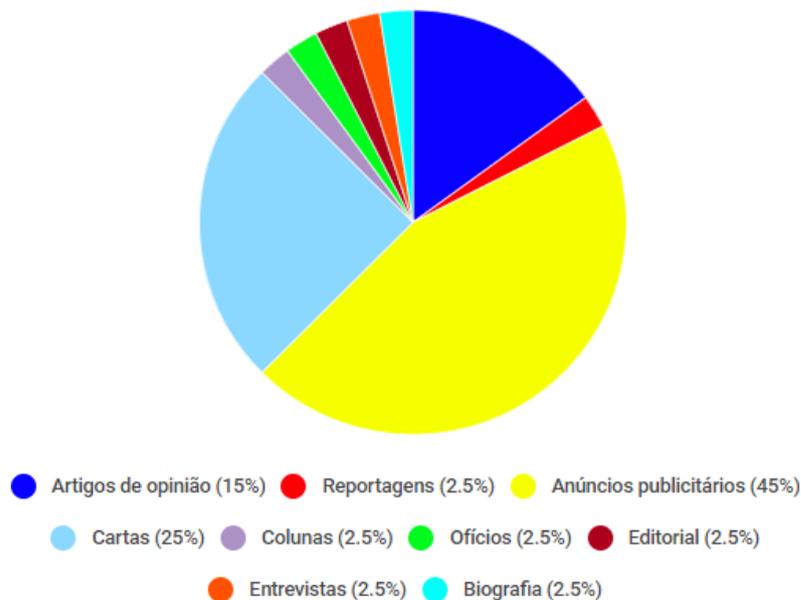
Data:

Página:

Após a catalogação, produzi seis gráficos que apresentam um panorama dos gêneros textuais das edições comemorativas, considerando todos os textos que mencionam, homenageiam e fazem alusão ao aniversário do *Correio Rural*. Além disso, os gráficos também demonstram a partir de que ponto de vista a história do jornal é contada e quem são as pessoas que participaram das edições comemorativas:

GRÁFICO 1 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS DE 1962

**Gêneros textuais - *Correio Rural*
edição comemorativa de 1962**



O gráfico 1 mostra os gêneros textuais dos 40 textos catalogados na edição comemorativa de 1962 que mencionam ou homenageiam o *Correio Rural*. No total, foram 18 anúncios publicitários, 10 cartas, 6 artigos de opinião, 1 reportagem, 1 biografia, 1 coluna, 1 ofício, 1 editorial e 1 entrevista. A quantidade de conteúdos jornalísticos, como se pode

depreender dos resultados, é bem menor quando comparada aos anúncios publicitários e às cartas. Os anúncios publicitários ocupam quase metade dos textos alusivos ao cinquentenário e, embora sejam curtos, estão presentes em grande volume ao longo da publicação. Um desses anúncios, publicado pela Associação Rural de Viamão, destaca a importância do jornal para a cidade:

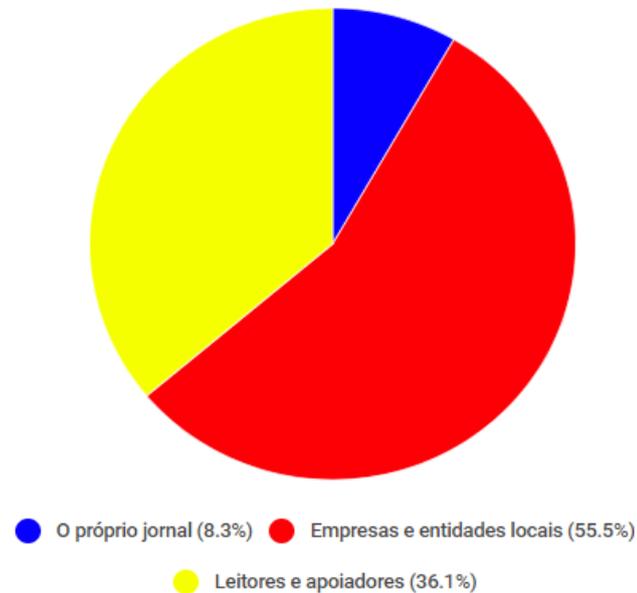
Através de seu presidente, ao ensejo da passagem do cinquentenário do vibrante órgão noticioso CORREIO RURAL, vem daqui manifestar os seus efusivos cumprimentos pelo transcurso de tão significativa efeméride que dignifica sob todos os aspectos o jornalismo sul-rio-grandense. Saúda, outrossim, ao seu dinâmico fundador e aos seus dignos diretores, sustentáculos da Imprensa Viamonense (CORREIO RURAL, 1962, p. 4).

O gênero opinativo, conforme podemos perceber, ocupa uma parcela significativa também, levando em consideração os artigos de opinião, a coluna, o editorial e as cartas. No total, esses quatro gêneros correspondem a 45% dos textos analisados e essa postura sinaliza que dentre o montante de textos que o jornal poderia ter selecionado para compor a edição do seu cinquentenário, quase metade se origina da opinião de leitores e apoiadores.

A única reportagem realizada pelo *Correio* em função do aniversário do jornal, por sua vez, tratou do maior banco da cidade de Viamão na época, o Banco de Expansão. Além disso, a quantidade de páginas da edição comemorativa de 1962 aumentou para vinte e duas, quando comparada às publicações semanais que atingem oito páginas.

GRÁFICO 2 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL DE 1962

**Relatos da história do Correio Rural
edição comemorativa de 1962**



O segundo gráfico diz respeito a todos os relatos, citações e homenagens publicadas no jornal em função do seu cinquentenário. Os textos produzidos pelas empresas e pelas entidades locais concentram mais da metade do percentual ilustrado pelo gráfico. O *Correio Rural* era um dos jornais mais populares e prestigiados na época, além de ser um espaço de grande visibilidade para o mercado e, por isso, a quantidade de depoimentos de empresas e entidades locais se faz tão presente.

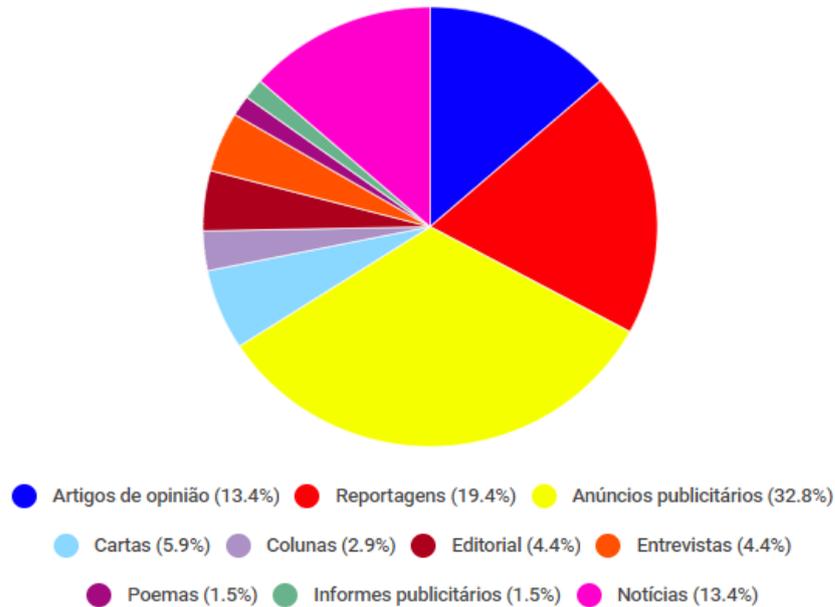
No entanto, a seleção dos textos que compõem a edição comemorativa não é um processo neutro. Embora grande parte dos anúncios, homenagens e citações se origine de publicações de leitores, apoiadores, empresas e entidades locais, o jornal selecionou quais conteúdos entrariam na publicação, construindo, dessa forma, a sua própria narrativa a respeito do aniversário do *Correio Rural*. Ademais, não só o conteúdo publicado no jornal foi escolhido como também quem seriam as pessoas a contar essa história. Inúmeros textos podem não ter sido veiculados devido às escolhas editoriais do periódico.

A quantidade de textos originados de leitores é bastante significativa, também, pois através dos artigos e cartas, os leitores e apoiadores do *Correio Rural* se envolvem com a data comemorativa, contribuindo para recuperar parte da história do periódico. O jornal, assim, pouco fala diretamente da sua história nesta edição e um dos únicos textos em que trata do cinquentenário está em um editorial na capa:

Com o presente número comemoramos CINQUENTA ANOS de publicação ininterrupta. CINQUENTA ANOS de lutas, de caminhos ásperos para serem percorridos. CINQUENTA ANOS de glórias alcançadas, muitas vezes, a duras penas. [...] Nas mãos deste povo, deixamos esses CINQUENTA ANOS de lutas, nas mãos deste povo, está a nossa esperança de prosseguir sempre trabalhando em prol do progresso e da cultura viamonense (CORREIO RURAL, 1962, capa).

A opinião dos leitores, dos apoiadores, das empresas e das entidades representativas locais, portanto, predomina na narrativa de aniversário e nas homenagens presentes na edição comemorativa de 1962, totalizando 91.6% dos textos. Entre os leitores e apoiadores que tiveram seus textos selecionados para entrar na publicação, podemos destacar: os alunos da Escola Medianeira dos Irmãos Maristas de Viamão; Olympio José Rodrigues - capitão, tipógrafo e impressor viamonense e Osmar Matzemberger - presidente da Sociedade Espírita Bezerra de Menezes. Os três exemplos correspondem, respectivamente, a representantes da educação, da polícia e da religião da cidade de Viamão, esferas essas que possuem representatividade discursiva. Em relação aos textos das empresas e das entidades locais, podemos citar: o presidente do Movimento Trabalhista Renovador e também agente do *Diário de Notícias* - José G. Chiden; o prefeito de Viamão - Frederico Dihl; o Banco de Expansão e o presidente do Diretório Municipal do Partido Social Democrático de Viamão - Clodoaldo Prates Veiga. Todos os exemplos mostram entidades e empresas que possuem relevância social e simbólica na cidade, como o prefeito, o banco e um representante político.

GRÁFICO 3 – GÊNEROS JORNALÍSTICO DE 2011 - 2012
Gêneros textuais - *Correio Rural*
edições comemorativas 2011 - 2012



O gráfico 3 apresenta os gêneros textuais dos 67 textos catalogados das edições comemorativas de 2011 a 2012. Foram contabilizados 9 artigos de opinião, 13 reportagens, 22 anúncios publicitários, 4 cartas, 2 colunas, 3 editoriais, 3 entrevistas, 1 poema, 1 informe publicitário e 9 notícias. Ao contrário da edição de 1962, as edições do centenário do jornal possuem mais conteúdos jornalísticos, totalizando 50.6% entre notícias, reportagens, artigos de opinião e entrevistas.

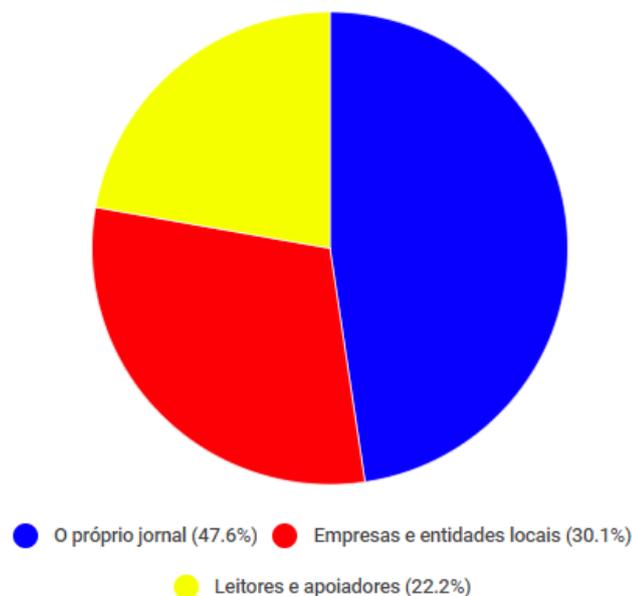
As notícias, que até então não haviam aparecido na edição de 1962, se apresentam aqui como um memorial intitulado *CR Memória*. Esse caderno especial mostra diversas matérias e acontecimentos narrados pelo jornal ao longo dos anos, além de fotografias que correspondem a cada uma das notícias.

O gênero opinativo, por sua vez, se faz presente em 26.6% dos textos, considerando os artigos de opinião, as cartas, os editoriais e as colunas. No entanto, a opinião aparece de forma diferente nas edições comemorativas do centenário do jornal. Enquanto na edição do cinquentenário, em 1962, a maioria dos artigos de opinião relembra fatos interessantes a respeito do jornal a partir de um olhar externo ao do *Correio*, nas edições de 2011 e 2012 predominam as experiências dos funcionários e ex-funcionários, ou seja, diretamente de quem participou da construção da história do periódico.

A quantidade de anúncios continua sendo bastante significativa e ocupa, aproximadamente, um terço das publicações que prestam homenagem ao jornal. Além disso, outros gêneros textuais que não haviam aparecido na edição do cinquentenário aparecem nesta edição, como o poema e o informe publicitário. O número de artigos também aumentou e isso se deve ao fato de a grande maioria dos que os escreveram serem ex-funcionários e apoiadores do jornal de longa data.

GRÁFICO 4 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL 2011 - 2012

**Relatos da história do Correio Rural
edições comemorativas de 2011 - 2012**



O gráfico 4 apresenta uma diferença bastante representativa em relação ao gráfico 2, da edição de 1962. Aqui, a quantidade de textos produzidos pelo próprio jornal em homenagem e recuperação da sua própria história aumentou consideravelmente. Um dos possíveis motivos para essa mudança foi a elaboração de um caderno especial intitulado *100 anos em 1 - a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão*, que tinha como principal objetivo resgatar antigas notícias e reportagens marcantes publicadas pelo periódico. Por isso, mesmo somando o número de leitores, apoiadores, empresas e entidades que homenagearam o jornal, 52.2%, o periódico continua com uma parcela de 47.6% dos textos publicados sobre a própria história. Ademais, se passaram cinquenta anos entre a publicação das edições comemorativas, o que resulta não só em mudanças estruturais e na profissionalização dos funcionários, mas também na vigência de um outro momento do jornalismo.

FIGURA 11 – CADERNOS ESPECIAIS 100 ANOS EM 1



Fonte: Milton Zani dos Santos/ Correio Rural

Além disso, um dos principais objetivos dessas edições comemorativas foi dar voz aos que ajudaram a construir a história do jornal, principalmente os funcionários e ex-funcionários, para a recuperação da história do *Correio Rural*, como forma de homenagear o seu centenário de fundação (SANTOS, 2017).

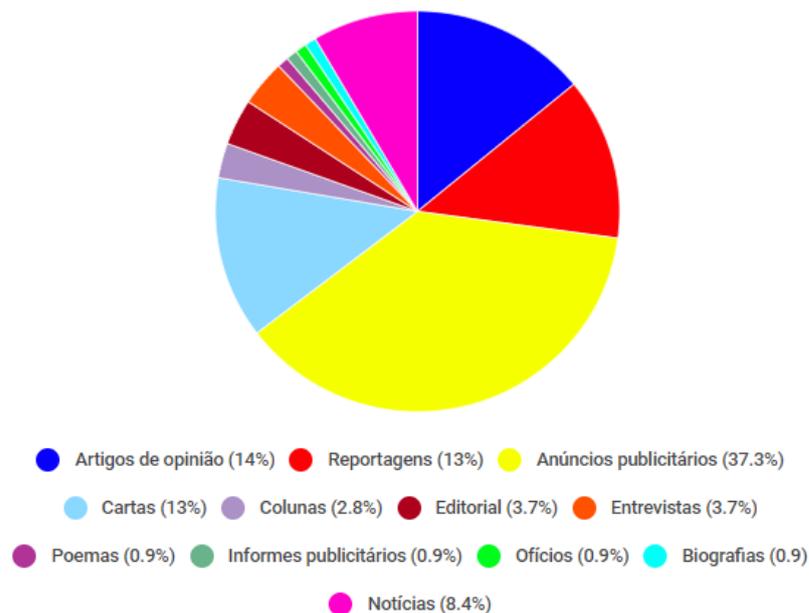
Em 2012, no mesmo ano do centenário, o jornal passou por uma reformulação gráfica e editorial, deixando de circular semanalmente em prol de uma edição mais elaborada, com grandes entrevistas, fotografias e cores que foram publicadas mensalmente. Essa mudança permitiu que o jornal se dedicasse às grandes reportagens, bem como incrementar o conteúdo jornalístico:

Ao completar 100 anos tivemos a ideia de transformar o Correio Rural num jornal mensal, mais encorpado e com reportagens especiais [...] Estamos inseridos na modernidade da imprensa e, na medida do possível, avançando para outras tecnologias. As dificuldades para atingir outros patamares são inerentes às condições técnicas e financeiras que isto exige (SANTOS, 2017).

Nessas edições comemorativas, também foram convidados a homenagear o jornal o professor universitário e jornalista do *Correio do Povo* - Juremir Machado; o jornalista Rogério Mendelski, o qual teve sua primeira experiência com o jornalismo como cronista do *Correio Rural*; o advogado Genito Ávila da Silva, além de ex-funcionários e apoiadores do periódico. O número de páginas das edições mensais variava entre vinte e duas e vinte e cinco páginas, dependendo da profundidade dos assuntos e da quantidade de anunciantes.

GRÁFICO 5 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS DE 1962 E 2011 - 2012

**Gêneros textuais - *Correio Rural*
edições comemorativas de 1962 e 2011 - 2012**



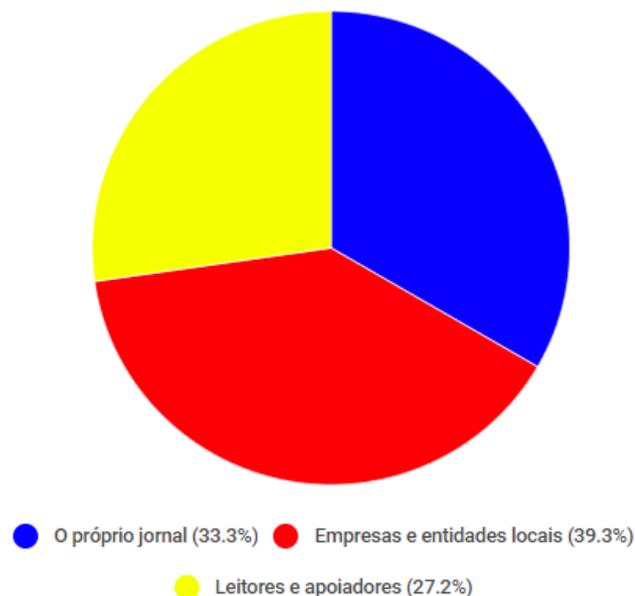
Após analisar individualmente as edições de 1962 e 2011-2012 nos gráficos anteriores, o gráfico 5 apresenta o resultado da catalogação de todos os textos que homenageiam, mencionam e contribuem para o resgate da história do *Correio Rural*. Ao todo, foram contabilizados 107 textos, divididos em 15 artigos de opinião, 14 reportagens, 40 anúncios publicitários, 14 cartas, 3 colunas, 4 editoriais, 4 entrevistas, 1 poema, 1 informe publicitário, 1 ofício, 1 biografia e 9 notícias.

Os anúncios publicitários são a categoria que mais aparece no decorrer de todas as edições - são textos curtos, às vezes apenas citando o nome do jornal e que têm a função de prestar uma breve homenagem. A quantidade de narrativas jornalísticas, no entanto, aparece em segundo lugar, totalizando 39.1% entre notícias, reportagens, artigos de opinião e entrevistas.

Além disso, as edições comemorativas apresentam uma grande variedade de gêneros textuais como forma, também, de atrair os leitores para o aniversário do *Correio Rural*. Na edição de 1962, impressa em preto e branco e com a predominância de anúncios e editais oficiais, essa diversificação se faz presente nas diferentes vozes que compõem a narrativa da história do jornal, na forma de artigos de opinião, cartas e anúncios. Já na edição de 2011 - 2012, a estratégia para chamar a atenção dos leitores foi investir na qualidade gráfica das fotografias, reportagens aprofundadas e diversificadas e pessoas importantes na história do jornal.

GRÁFICO 6 – HISTÓRIA DO CORREIO RURAL DE 1962 E 2011 - 2012

**Relatos da história do Correio Rural
edições comemorativas de 1962 e 2011 - 2012**



O último gráfico diz respeito ao número total de relatos, menções, homenagens e narrativas acerca da história do *Correio Rural*. A partir dos resultados da catalogação, é possível verificar que a quantidade de citações de empresas e entidades locais é a que mais se destaca, com 39.3% dos textos. Isso ocorre porque os gêneros textuais predominantes nas edições

comemorativas são os anúncios publicitários e essa parcela busca muita visibilidade no jornal. No entanto, é importante destacar que o periódico, ao longo dos anos, buscou resgatar a sua história através de grandes reportagens, entrevistas e notícias, principalmente nas edições alusivas ao centenário de 2011 a 2012. Além disso, o *Correio* deu voz à comunidade local para que pudesse homenagear, contribuir e referendar sua história.

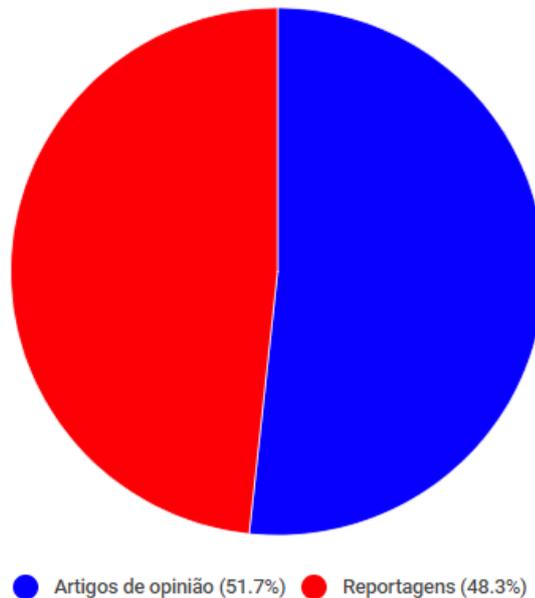
A quantidade de conteúdos jornalísticos nas edições de 2011 e 2012, ao contrário das de 1962, é predominante. Isso ocorre por se tratar de um outro momento do jornalismo, tendo em vista que o nível de exigência dos leitores também cresceu ao longo dos anos. Nas edições alusivas ao centenário, portanto, o espaço das publicações está bem mais equilibrado seja para os funcionários e ex-funcionários seja para os leitores, apoiadores, para as entidades representativas e para os anunciantes. Essa é uma característica importante dos jornais do interior, permitindo uma maior proximidade entre os que produzem e os que consomem as informações e isso contribui para a construção de uma imagem de credibilidade.

É importante destacar, contudo, que a narrativa e a recuperação da história do jornal, embora contada por diferentes vozes, se constrói através da seleção minuciosa de cada um dos textos pela redação do *Correio Rural*. Afinal, esse processo de retomada da trajetória do periódico faz parte da elaboração de um discurso que se quer comunicar nas edições comemorativas e se faz presente no texto das entidades e empresas locais, dos leitores e apoiadores previamente escolhidos.

4.4 RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO

A partir das considerações apresentadas na análise quantitativa, escolhi os gêneros textuais *reportagem* e *artigo de opinião* para entender como a história é contada pelo jornal e pelas pessoas previamente selecionadas pelo *Correio Rural* nas edições comemorativas. Os respectivos gêneros, embora não representem a maior parcela de textos publicados nas edições comemorativas, são os que tratam com maior profundidade acerca da história do jornal e recuperam diversos momentos importantes pelos quais o periódico passou. No total, foram analisados 29 textos, 15 artigos de opinião e 14 reportagens, publicados nas edições alusivas ao cinquentenário e ao centenário. O gráfico 7 mostra a porcentagem de artigos de opinião e reportagens selecionados:

GRÁFICO 7 – ARTIGOS DE OPINIÃO E REPORTAGENS
Gêneros jornalísticos escolhidos - *Correio Rural*
artigos de opinião e reportagens



Das 14 reportagens analisadas, apenas uma foi publicada na edição comemorativa de 1962. As demais, estão distribuídas nas treze edições da série especial *100 anos em 1*, uma em cada jornal, veiculadas em 2011-2012. Os artigos de opinião, por sua vez, estão mais bem divididos, sendo 6 artigos publicados na edição de 1962 e 9 artigos nas publicações de 2012. É importante destacar, também, que os artigos de opinião publicados em 2012 se concentram apenas na edição de número 13 da série especial, a que remete ao dia 25 de novembro de 2012, aniversário de 100 anos do jornal.

Antes de seguir para a análise qualitativa, no entanto, é necessário discorrer sobre como se estruturam as reportagens e os artigos de opinião, além de verificar suas particularidades como gêneros jornalísticos.

4.4.1 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: REPORTAGEM E ARTIGO

Os gêneros jornalísticos, conforme Melo (2003), podem ser classificados em cinco categorias: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. No jornalismo informativo, no qual a reportagem se insere, o texto se estrutura e depende de fatores externos: os acontecimentos e a relação dos jornalistas com as fontes e os protagonistas dos fatos (COSTA, 2010). Já no gênero opinativo, a estrutura do relato depende dos critérios autorais, da instituição, ou seja, do ponto de vista de quem narra. É nessa categoria, portanto, em que o artigo se enquadra.

A reportagem é “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 2003, p. 66). Em outras palavras, a reportagem seria uma abordagem mais aprofundada e contextualizada que leva em consideração os desdobramentos, os antecedentes e as atualizações dos assuntos de um determinado acontecimento.

Seguindo em uma linha semelhante, Lage (2009) afirma que a reportagem é um dos gêneros jornalísticos que trata de um determinado assunto, sob o viés jornalístico, “a partir de geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial” (p. 39). Essa prática consiste na apuração e na análise das implicações de determinados acontecimentos, considerando todas as informações que o precederam, através da investigação, da contextualização e da interpretação dos dados e dos depoimentos.

Mais do que apenas acompanhar os desdobramentos de um dado acontecimento, a reportagem busca problematizar e encontrar respostas para os fatos, através da observação de detalhes que geralmente não são levados em consideração ou não são percebidos (LAGE, 2009). Esses são alguns dos motivos que levam o repórter a procurar uma diversidade de fontes, tendo em vista que a entrevista é fundamental para a ampliar e recuperar informações sobre os acontecimentos, conseqüentemente, contribuindo para a construção da reportagem.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista (LAGE, 2009, p.16-17).

Diante das inúmeras informações, depoimentos e pontos de vista a respeito de um determinado acontecimento, o repórter deve traduzir a linguagem discursiva que capta da sociedade, mas, também, “confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que

permitam ao leitor orientar-se diante da realidade” (LAGE, 2009, p. 23). Conforme Lage (2009) a reportagem se caracteriza como uma informação jornalística que se distingue da notícia e de outros gêneros textuais. A reportagem, portanto, é mais completa, mais precisa e imbuída da “visão jornalística” dos fatos (LAGE, 2009).

O jornalismo opinativo, por sua vez, se configura a partir da opinião, de um determinado direcionamento ideológico, que privilegia certas características em detrimento de outras, conforme as observações de quem as faz (MELO, 2003). É importante ressaltar, ainda, “que o gênero opinativo atende bem mais do que à necessidade humana de se expressar: ele também subsidia, em larga medida, a formação da opinião pública” (ASSIS, 2010, p. 21).

O gênero jornalístico artigo pertence à categoria opinativa, segundo Melo (2003) e se caracteriza pelo seu caráter “analítico, temático, argumentativo e que encerra uma valoração de um fato, evento ou assunto” (COSTA, 2010, p. 58). Esse gênero dá espaço para que não só os jornalistas, mas outras parcelas representativas da sociedade possam desenvolver suas ideias e apresentar suas opiniões (MELO, 2003).

Um artigo se estrutura a partir de um título, de uma introdução, de uma discussão/argumentação e de uma conclusão (RÊGO; AMPHILO, 2010). Devido ao fato de muitos articulistas serem literatos, os textos podem ser mais refinados e o posicionamento dos autores melhor definidos. É importante salientar, contudo, que:

Os gêneros jornalísticos não são estáticos. Ao contrário possuem tendência híbrida e dialética. Estão intrinsecamente relacionados ao movimento da sociedade aliada aos meios de expressão social. Qualquer alteração nos contextos sociais pode e nos processos de difusão da informação pode ocasionar uma mudança nos gêneros, ou possibilitar uma nova nuance a ser considerada (RÊGO; AMPHILO, 2010, p. 107).

A partir das duas definições dos gêneros jornalísticos que foram analisados, reportagem e artigo, seguiremos para análise dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos, a partir de dois eixos temáticos: a *valorização dos esforços de Alcebíades* e o *jornalismo enquanto prática no Correio Rural*.

4.4.2 EIXO 1: VALORIZAÇÃO DOS ESFORÇOS DE ALCEBÍADES

O eixo denominado *valorização dos esforços de Alcebíades* diz respeito a todos os artigos de opinião e reportagens que prestam homenagens, saúdam, relembram a história do jornal, além de resgatarem a importância do seu fundador, Alcebíades Azeredo dos Santos, para

a consolidação do *Correio Rural* em Viamão. Ao todo, foram analisados 19 textos nesta temática, divididos em 11 reportagens e 8 artigos de opinião. As principais características dessas publicações são as homenagens prestadas ao *Correio*, que aparecem nas lembranças dos seus funcionários e dos seus leitores; as dificuldades pelas quais Alcebíades passou para implementar o jornal na cidade e a sua importância para a cidade de Viamão.

O primeiro texto que trata dessa temática é um artigo de opinião, publicado na edição comemorativa de 1962, intitulado *Salve 25 de novembro!* Tomando o título como ponto de partida, já podemos verificar a importância dada ao aniversário do *Correio Rural*, em virtude de seu cinquentenário. Além disso, o autor Ênio Gonçalves da Silva conta sobre suas lembranças do início da trajetória do jornal: “se nos transportássemos pelas asas do tempo para cinquenta anos passados, no dia 25 de novembro de 1912, veríamos surgir à luz da publicidade, um jornal que se chamava < O Viamonense >, que mais tarde se chamaria CORREIO RURAL” (CORREIO RURAL, 1962, p. 7). Ademais, comenta sobre as dificuldades que o jornal passou como um veículo do interior, considerando a incompreensão e os ataques daqueles que combatiam a conduta do periódico. Conforme o autor, no entanto, o periódico conseguiu superar essas adversidades e conquistou:

A simpatia e o acolhimento de nossa boa gente viamonense, indo se juntar às demais riquezas que constituem o patrimônio histórico desta terra. [...] Aqueles que procuravam combater o nosso jornal, foram condenados ao esquecimento [...] nosso querido CORREIO RURAL, a nossa mensagem de fé e de confiança, felicitando-lhes por esta data tão significativa para todos nós (CORREIO RURAL, 1962, p. 7).

Nessa narrativa, o autor conta as suas memórias em um tom de respeito e admiração pelo jornal, o que ratifica a importância do *Correio Rural* na sua vida. A proximidade que o periódico tem com os seus leitores e apoiadores, também, faz com que se sintam participantes e comemorem junto com o *Correio* os seus 50 anos.

Seguindo na mesma linha de homenagens, a reportagem sobre o Banco de Expansão, também publicada na edição de 1962, apresenta a estreita relação do jornal com os órgãos do poder. Ao longo do texto, são ressaltados os investimentos que o banco vem fazendo, as novas filiais que inaugurou, em especial a de Viamão, e a importância do órgão para a economia e para o crescimento da cidade. É importante salientar que tanto o Banco de Expansão quanto a Prefeitura Municipal são órgãos que apoiavam e frequentemente anunciavam no jornal. Assim, essa reportagem, além de resgatar os investimentos e planos para futuros para a cidade, reforça

a relação do *Correio Rural* com seus anunciantes que, no caso, são duas instituições representativas de Viamão.

Na segunda página de reportagem, o banco publica um anúncio homenageando a folha, desejando que continue sendo um jornal da comunidade viamonense e pratique um jornalismo sadio. Portanto, assim como o banco considera o jornal como um importante veículo informativo para a cidade, o jornal também o legitima como o “verdadeiro banco de Viamão, inteiramente dedicado ao seu progresso e desenvolvimento” (CORREIO RURAL, 1962, p. 12). Logo, o periódico construiu, ao longo dos anos, relações próximas com as entidades representativas da cidade, como forma de buscar seu financiamento e fortalecer alianças.

Devido a essas relações próximas entre os jornais do interior, os anunciantes e os órgãos de poder, no entanto, surgem alguns problemas relacionados à prática do jornalismo informativo. Conforme Dornelles (2012) algumas matérias se tornam favoráveis a correntes políticas, principalmente às que estão no poder, e se percebe “a omissão do jornal em relação a desmandos do Executivo, de práticas injustas, de negligência na administração pública e notícias contendo apenas um lado da história [...] Também verificamos a presença de matérias pagas, mascaradas como notícia selecionada pelo jornal” (p. 13). Por isso, é fundamental que um jornal do interior se preocupe, em primeiro lugar, com a verdade e o interesse público.

Outro artigo publicado na edição de 1962 que valoriza os esforços de Alcebíades é o intitulado *Há cinquenta anos*, de Henrique Maia. O autor residia na cidade de Viamão quando O *Viamonense* foi fundado e acompanhou, como relata, o “sacrifício que enfrentou e do ideal que animava o seu fundador, jornalista Alcebíades Azeredo dos Santos” (CORREIO RURAL, 1962, p. 17). É interessante perceber esses dois momentos em que o autor narra a história do jornal. No primeiro, é ele próprio morador da cidade e percebe a evolução do jornal e as dificuldades pelas quais passou ao longo dos anos. Em um segundo, relata, na edição comemorativa alusiva ao cinquentenário, a sua trajetória como morador e leitor viamonense, história essa que é atravessada pelo surgimento do *Correio Rural*. Além disso, o autor descreve uma série de atividades e costumes dos viamonenses na época em que residiu na cidade, dentre elas:

Os ternos de reis; as farinhadas na atafona dos Hillarios; as corridas no prado da Lomba da Tarumã; as rivalidades entre as bandas do Carraba e a do Saturnino e as inesquecíveis novenas na suntuosa [igreja] Matriz, que é um dos mais belos templos do Brasil e o segundo construído em nosso estado, por provisão de 14 de setembro de 1741 (CORREIO RURAL, 1962, p. 17).

As memórias do autor se fundem ao discurso do jornal que objetiva recuperar a sua história e da própria cidade de Viamão. As edições comemorativas, portanto, são também uma forma de manter viva a história do jornal e dos viamonenses, considerando, sempre, que essa narrativa é construída a partir da seleção prévia dos textos pelo periódico e não de forma neutra. Afinal, toda história é contada a partir de um determinado ponto de vista e nas edições de aniversário não é diferente. Esse ponto de vista é formado a partir do olhar dos funcionários do *Correio* e pelas pessoas convidadas a publicar.

A ideia de que o jornal faz parte da coletividade viamonense aparece na grande maioria das reportagens da série *100 anos em 1 - a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão*, publicadas em função do centenário do periódico. Essas reportagens contam a história do *Correio* desde a sua fundação até a data em que completa 100 anos, no dia 25 de novembro de 2012. As reportagens têm, contudo, uma outra proposta: as notícias e acontecimentos importantes publicados ao longo dos anos não deveriam ser contados apenas pelos integrantes do jornal, mas também pelos leitores e demais apoiadores (CORREIO RURAL, 2011). Por isso, os leitores podiam acessar os endereços eletrônicos: www.correiorural.com.br ou www.100anosem1.com.br e opinar, deixar suas críticas, contar suas histórias e lembranças do jornal. Tudo isso seria analisado e as sugestões poderiam ser incluídas nas edições comemorativas subsequentes, para a construção dessa memória. No entanto, como o jornal não identifica quando utiliza ou não o depoimento de um leitor, não é possível contabilizar o número de reportagens construídas com o auxílio da população.

Na edição de número 13 da série especial, publicada no dia 30 de novembro de 2012, o teólogo Dirk Hesseling, que escreveu no periódico nas décadas de 1980 e 1990, conta sobre a sua trajetória no jornal no artigo intitulado *Olhar para frente*:

Uma das escolas onde aprendi a olhar para frente é o “Correio Rural”. Foi na época em que comecei a me aventurar como colunista. [...] ‘O Correio Rural’ está completando 100 anos. Por este motivo estou fazendo a minha saudação especial. Como todos os bons viamonenses - há uns 12 anos recebi o título de Viamonense Honorário - parabênizo o CR por seus 100 anos de circulação (CORREIO RURAL, 2012, p. 6).

O autor não só parabeniza o *Correio Rural* na edição comemorativa, mas também conta a importância do jornal para a sua vida profissional e pessoal. Mais do que apenas um órgão informativo, o jornal contribuiu e contribui para o registro da história de Viamão e dos viamonenses.

Um dos acontecimentos curiosos lembrados na edição de número 7, da série de reportagens *100 anos em 1*, diz respeito a uma rixa entre o *Correio Rural* e o seu já extinto concorrente, o *Jornal de Viamão*. A matéria foi publicada na década de 50 com o título *Pacto de Honra* e trata de um compromisso firmado entre os dois jornais, no Tribunal de Justiça de Viamão, após uma série de desentendimentos. Nessa reportagem, podemos identificar um dos únicos momentos em que essa coletividade e espírito amistoso do jornal colide com os interesses da concorrência, o que resulta em uma intervenção judicial:

O Dr. Reissoly José dos Santos, digno e honrado Juiz de Direito desta Comarca, ao par dos últimos acontecimentos verificados entre os dois jornais, proporcionou, com seu elevado espírito conciliatório sempre voltado ao bem-estar da coletividade viamonense, o ensejo de ambos jornalistas manterem um rápido entendimento amistoso (CORREIO RURAL, 2012, p.2).

As reportagens e artigos deste eixo, portanto, parabenizam o jornal e enaltecem a imagem do seu fundador, Alcebíades Azeredo dos Santos, considerando as inúmeras dificuldades técnicas e financeiras necessárias para implantar o primeiro jornal de Viamão. A história do jornal se confunde com a vida das pessoas que fizeram parte da redação e daqueles que apoiaram o periódico ao longo dos anos. Muitos dos que escreveram nas edições comemorativas agradecem a oportunidade de ter participado da implementação do *Correio* e relatam o seu desenvolvimento pessoal e profissional a partir das experiências com o jornal.

A partir das duas edições comemorativas, podemos perceber a diferença entre as reportagens e artigos de opinião publicados em 1962 e os que foram veiculados em 2011-2012. No primeiro caso, as pessoas convidadas a escrever homenageiam o jornal, através de elogios à conduta de Alcebíades; à perseverança do seu fundador frente às dificuldades que surgiram e da valorização do jornal como um importante órgão para a cidade. Nas reportagens e artigos de 2011-2012, se destacam as experiências, homenagens e narrativas diretamente dos funcionários, ex-funcionários e apoiadores do *Correio Rural* que, de alguma forma, tiveram suas próprias trajetórias atravessadas e construídas junto com a história do próprio periódico.

Essas mudanças entre as duas edições, ocorrem, entre outros motivos, devido ao longo período de tempo que as separa, além de que o próprio jornalismo se desenvolveu como prática. Em 1962, no cinquentenário do jornal, era necessário ratificar a importância de se ter um veículo informativo em Viamão e conquistar ainda mais o apoio da população e das entidades representativas da cidade. Já em 2012, no ano em que o *Correio* comemora o seu centenário, a sua imagem como um importante veículo para a cidade já está consolidada e a participação das pessoas se dá como uma forma de resgatar essa história construída em mais de um século.

Nesse momento de comemorações, fica evidente, também, a importância do jornal para a cidade e para os moradores e essa relação é resultado do grau de proximidade que o *Correio Rural* estabelece com a população. A grande maioria dos leitores que compram jornais do interior está interessada em saber o que acontece na cidade (DORNELLES, 2004). Conforme Dornelles (2004) “o jornalista precisa se engajar na luta de cada cidadão, desde que seja em defesa de quaisquer direitos individuais ou coletivos” (p.133), e essa conduta foi ressaltada nas edições comemorativas do *Correio* - se verifica tanto nas suas próprias reportagens, quanto nos artigos de seus ex-funcionários e apoiadores.

4.4.3 EIXO 2: O JORNALISMO ENQUANTO PRÁTICA NO CORREIO RURAL

O segundo eixo temático diz respeito aos artigos e reportagens que promovem uma discussão sobre a prática jornalística no *Correio Rural* e a sua conduta como o primeiro órgão informativo da cidade de Viamão. Foram contabilizados 10 textos neste eixo: 3 reportagens e 7 artigos de opinião. Dentre as principais características dessas publicações, se destacam: os princípios que norteiam o jornal; o compromisso de exercer a prática do jornalismo com responsabilidade e com qualidade e a defesa dos interesses públicos dos viamonenses. É importante destacar que nenhuma reportagem que fale sobre essa temática foi publicada na edição de 1962, mas sim os artigos de opinião. As três reportagens selecionadas neste tema, por sua vez, fazem parte da série especial *100 anos em 1*, de 2012.

Na edição comemorativa de 1962, o professor da Escola Técnica de Agricultura (ETA) Erb Veleda publica o artigo intitulado: *A comunidade viamonense deve um grande tributo a Alcebiades Santos*. Já nas primeiras linhas, o autor afirma que “um jornal é muito mais que uma coletânea de fatos, notícias ou opiniões. Ele é feito para servir a comunidade, informando-a, orientando-a, promovendo campanhas, enfim, é um veículo de difusão de ideias do qual a comunidade não pode prescindir” (CORREIO RURAL, 1962, p. 7). Mais uma vez, aparece a ideia de que o jornal deve ser um órgão que se preocupe em informar a população local, característica fundamental dos jornais do interior. Além de homenagear o jornal pelos cinquenta anos que “semanalmente visita os lares viamonenses” (CORREIO RURAL, 1962, p. 7), o autor também reafirma a importância do periódico para a população local.

O autor propõe, também, uma definição de jornalismo “são” que se caracteriza por não compactuar com o ódio, com a mentira e com a calúnia, coisas que nunca apareceram nas páginas do *Correio Rural*, segundo ele. Em relação ao jornalismo independente, destaca que o periódico atende aos anseios e causas dos viamonenses em primeiro lugar, sem se subordinar

aos interesses dos representantes do poder da cidade. Essa postura, identifica não só uma constatação do papel do *Correio Rural*, mas também uma preocupação em produzir jornalismo com veracidade e isento, principalmente, devido ao partidarismo nas redações da época.

No seu cinquentenário, as pessoas convidadas a escrever sobre suas memórias e experiências com o *Correio Rural* demonstram respeito e, ao mesmo tempo, satisfação com o conteúdo informativo que o jornal oferece: “estas duas qualidades, por si sós recomendam um jornal e quando tais qualidades são cultivadas e realçadas durante meio século, este jornal se torna credor da admiração e alvo do carinho e da simpatia de toda uma população” (CORREIO RURAL, 1962, p. 7).

Essas constatações vão ao encontro da função do jornalismo interiorano, pois os jornais também devem contribuir para melhorar a qualidade de vida da população e para a formação de uma consciência cidadã. Os jornalistas e seus leitores constroem, assim, laços de amizade e de solidariedade, pois os profissionais se tornam, também, membros da comunidade que informam (DORNELLES, 2004).

João Tabajara também publicou um artigo, na edição de 1962, intitulado *Resistência Heróica*. O autor discorre sobre o regime da livre iniciativa do mercado e as dificuldades que as empresas têm de sobreviver, principalmente a imprensa, e de construir uma imagem de credibilidade. Além disso, comenta sobre os desafios de se conseguir recursos financeiros por meio da propaganda, pois os veículos de menor circulação, especialmente os do interior, não conseguem dar a visibilidade desejada pelos anunciantes que migram para os grandes jornais e veículos das capitais. Isso tem como consequência o fechamento de uma grande parcela de periódicos que não conseguem competir nesse cenário.

Ademais, João Tabajara salienta que o jornalismo praticado no interior, tomando como exemplo o *Correio Rural*, é o mais próximo de uma imprensa livre, pois ainda não está sob o domínio dos grupos econômicos. Porém, é importante observar que essa liberdade de imprensa pode ser coibida devido aos interesses dos anunciantes e, principalmente, da prefeitura, que é um dos fiéis incentivadores do jornal.

É importante destacar que discussões como essa, sobre o papel e as dificuldades do jornalismo interiorano, aparecem durante toda a edição comemorativa de 1962. Isso mostra que o jornal também está colocando essa temática em pauta, através dos textos que foram enviados pelos leitores e apoiadores, e posteriormente selecionados, ao mesmo tempo em que o *Correio Rural* comemora cinquenta anos de funcionamento ininterrupto. Portanto, é um movimento de reconhecer as dificuldades pelas quais Alcebíades e sua família passaram para implementar o

primeiro veículo de Viamão e se reafirmar como um importante órgão informativo da cidade na voz dos leitores, apoiadores, entidades representativas e empresas e na voz do próprio jornal.

O debate sobre o papel do jornalismo e a prática jornalística no *Correio Rural* se estende, também, às edições comemorativas de 2011 e 2012. Contudo, enquanto na edição de 1962 os artigos de opinião se concentram em discussões a respeito de uma pretensa isenção, da honestidade e da defesa dos interesses da coletividade do *Correio Rural*, em 2011 e 2012 o debate gira em torno de qual é a função de um periódico do interior e da preservação dos ideais do jornal ao longo dos anos, além de reforçar a preocupação com a veracidade dos fatos. Entre as razões que motivam essa mudança temática, estão os contextos distintos, os modos como a imprensa se configura nas diferentes épocas e as mudanças nas próprias discussões sobre o fazer jornalístico. Além disso, as pessoas que escreveram nas edições de 2011 e 2012 enxergam a história do jornal a partir de um ponto de vista diferente dos que homenagearam o periódico em 1962.

Na edição de número 2 da série de reportagens *100 anos em 1*, publicada no dia 30 de dezembro de 2011, o *Correio Rural* relembra duas notícias veiculadas na década de 20. A primeira, intitulada *Consciência social em pauta*, trata das campanhas contra o alcoolismo e contra “o jogo do bicho”. O jornal faz uma análise das duas publicações e afirma que, assim como naquela época, “a busca pelo bem-estar social e a redução das principais mazelas da população sempre foram tratados como prioridade pelo CR” (CORREIO RURAL, 2011, p. 1). A segunda notícia diz respeito à gramática e à ortografia do jornal. O periódico destaca o cuidado que tem com a escrita e as regras da língua portuguesa:

Ao longo de quase cem anos, o CR tem se notabilizado por seu trabalho ético, seguindo os ditames do jornalismo e as evoluções competentes à área. Desta forma, a preocupação com a gramática e a ortografia, mais do que uma obrigação, é uma obstinação histórica do CR desde a sua origem (CORREIO RURAL, 2011, p. 1).

A postura do jornal em relação às duas notícias reflete uma preocupação em fazer jornalismo com responsabilidade, profissionalismo e, principalmente, contribuir para a formação cidadã da população. Através das duas campanhas, o *Correio Rural* reafirma que se preocupa não apenas em vender as informações para a população, mas sim estimular a formação de uma consciência cidadã, considerando as necessidades cotidianas dos leitores (CORREIA, 2004).

Nesse sentido, podemos analisar o próprio lema do *Correio Rural*: *Deus, pátria e humanidade*. Na reportagem de número 5, da série *100 anos em 1*, o jornal traz um texto

publicado por Alcebíades, em 1938, que trata sobre a conduta do periódico. Nessa ocasião, o fundador passa a responsabilidade do *Correio* para seus filhos Adonis dos Santos, Milcíades dos Santos e Zenon dos Santos em função de suas atividades públicas em Vacaria:

O Correio Rural (o ex O Viamonense) que vem sendo publicado ininterruptamente há 26 anos, sob a minha obscura orientação e responsabilidade jurídica, aqui fica, prosseguindo a mesma linha de conduta, a mesma rota e o mesmo critério. [...] Parto confiante de que, o Correio Rural, não sofrerá solução de continuidade e que durante a minha ausência terá cada vez mais o auxílio e consideração dos homens de critério, dignos e ativos desta querida terra (CORREIO RURAL, 2012, p. 3).

Na reportagem de número 4 da série *100 anos em 1*, o jornal apresenta uma nota publicada pelo *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul, acerca do papel do *Correio Rural* enquanto jornal de Viamão e em comemoração ao seu vigésimo aniversário em 1932: “Entrou dia 24 do mês passado, para o seu vigésimo ano de lutas jornalísticas o nosso colega «Correio Rural» [...] Folha inteiramente voltada à defesa dos interesses da coletividade tem grangeado, por isso, merecida simpatia” (CORREIO RURAL, 2011, p. 4). No relato do *Jornal do Povo*, é possível identificar a imagem do *Correio* como um periódico preocupado com os interesses da coletividade, característica que já foi mencionada em diversos outros textos que homenageiam o jornal.

É interessante destacar, também, que o jornal procurou lembrar antigas publicações a respeito de outras datas comemorativas nessas reportagens, como no seu vigésimo ano de atuação, além de diversas notícias que marcaram a história do jornal. Tudo isso contribui para que a história do *Correio Rural*, ao mesmo tempo em que comemora os seus 100 anos de atividade, permaneça viva não só entre os funcionários e ex-funcionários, mas também entre os leitores e apoiadores.

A edição do dia 30 de novembro de 2012, a última da série especial de reportagens alusiva ao centenário, apresenta quatro artigos de opinião que tratam sobre o jornalismo praticado no *Correio Rural*. Dentre eles, os artigos intitulados *O centenário de uma crença* e *Não é fácil fazer 100 anos*, escritos pelo médico e colunista do *Correio* há vinte e oito anos, Eduardo Lopes, e pelo jornalista e ex-cronista do jornal Rogério Mendelski, respectivamente. Os autores discutem sobre a função do periódico ao longo dos anos e sobre a preservação dos ideais do jornal passados 100 anos.

Em seu artigo, Eduardo Lopes destaca a importância de o jornal estar comemorando o seu centenário:

Estamos diante de um acontecimento que merece uma reflexão sobre o papel de um meio de comunicação como é o “Correio Rural”, um jornal semanal que sempre esteve presente na vida dos cidadãos de Viamão [...] Uma história de cem anos é contada por edições jornalísticas que retratam etapas da história de uma cidade, de um estado e também de um país. O “Correio Rural” é justamente esse instrumento que conta esta história (CORREIO RURAL, 2012, p. 6).

O autor reflete sobre o papel do jornal para a cidade e para os cidadãos viamonenses e destaca a importância do *Correio Rural* para o registro dos acontecimentos durante estes cem anos. É interessante observar que as datas comemorativas são um momento em que não só se relembra o passado, mas se olha o presente a partir de um novo olhar. Esse movimento retrospectivo “não se trata de uma simples repetição. Relembrar o passado parece uma operação essencial para os jornais: celebrar o que eles foram é uma maneira de reafirmar o que eles são no presente, ajudando a legitimar um sentido de identidade” (MARCILIO, 2017, p. 32-33). Portanto, ao olhar para o legado do *Correio* durante todos esses anos e, também, para a sua própria participação na construção da história do jornal, Eduardo Lopes reconfigura a sua percepção sobre o periódico no presente.

Seguindo na mesma linha do artigo de Eduardo Lopes, Rogério Mendelski afirma que, ao completar 100 anos, o *Correio Rural* fez muitos mais que apenas registrar acontecimentos e informar a população, “ele torna-se a própria história da comunidade onde é impresso” (CORREIO RURAL, 2012, p. 7). Um dos pontos importantes que destaca ao longo do texto, é a função do jornal como fonte de pesquisa sobre a cidade desde a data da sua fundação até os dias atuais:

Mais do que um acervo de notícias, um jornal de 100 anos de vida é a biografia de uma cidade com seus valores, dilemas, dramas, comédias, tragédias, suas perdas e seus ganhos. Só assim um jornal sobrevive a tudo isso porque é o registrador dos acontecimentos. [...] O CORREIO RURAL se manteve ao longo desses 100 anos por uma causa que é comum ao bom jornalismo e que, por isso, é perene: a identificação com a verdade dos fatos (CORREIO RURAL, 2012, p. 7).

A verdade dos fatos e o papel de registro do *Correio Rural* aparecem como características marcantes nos dois artigos e, também, em todos os artigos e reportagens publicados nas edições comemorativas do jornal. Embora muitos anos separem as duas edições, conceitos como a busca pela isenção no jornalismo, como algo não apenas possível de ser

alcançado, mas, inclusive, já atingido pelo periódico³; a busca pela verdade e a preocupação com a coletividade a qual o jornal informa são discutidos tanto na edição de 1962 quanto nas publicadas em 2011 e 2012. Essas questões, portanto, são importantes para o *Correio Rural* até hoje e por isso mesmo são novamente debatidas pelos funcionários, ex-funcionários e apoiadores do jornal no seu centenário.

4.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE

A partir da análise dos 107 textos selecionados, publicados nas edições comemorativas de 1962 e 2011-2012, é possível fazer algumas considerações. As escolhas feitas pelo jornal do que seria publicado ou não foram baseadas em seus próprios critérios de seleção e esses textos são importantes para recuperar a história do *Correio Rural*. Muitos outros textos, inclusive críticas, podem não ter sido publicados em função da forma como as edições comemorativas foram pensadas. Ainda assim, a quantidade de conteúdos jornalísticos, de textos publicados pelos leitores, apoiadores, empresas e entidades representativas de Viamão estão bem equilibrados, o que demonstra uma preocupação em dar espaço para as pessoas falarem. Além disso, as publicações apresentam uma grande variedade de gêneros textuais, distribuídos em notícias, reportagens, artigos de opinião, editoriais, entrevistas, colunas, cartas, anúncios publicitários, poemas, informes publicitários, ofícios e biografias. A história do jornal, portanto, é contada a partir da experiência e das memórias de diversas pessoas com o *Correio Rural*, através dos registros do cinquentenário e do centenário.

Na edição de 1962, conforme foi constatado, o jornal não aborda diretamente sua trajetória, pois o depoimento dos leitores, dos apoiadores, das empresas e das entidades representativas predomina. Já nas edições comemorativas de 2011 e 2012, as pessoas convidadas para celebrar o centenário do *Correio Rural* são, na sua maioria, apoiadores, funcionários e ex-funcionários, ou seja, o periódico, através das memórias dos que escrevem, recupera e reconstrói a sua própria história.

Em relação aos 29 artigos e reportagens analisados, é importante destacar as semelhanças e diferenças entre as edições comemorativas de 1962 e 2011-2012. Na análise do

³ O debate sobre a isenção no jornalismo assume um novo significado atualmente, já que não é possível alcançar a plena imparcialidade. Assim, esses conceitos “nunca devem ser perseguidos como um fim em si mesmos ou invocados como um objectivo no jornalismo. O seu valor está em nos ajudarem a chegar mais próximo de uma verificação cuidadosa e de uma versão fiável dos acontecimentos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 80). Portanto, a noção de verdade e credibilidade no jornalismo são construídas a partir de uma intensa rotina de apuração e verificação, ao invés de se buscar a isenção.

primeiro eixo, *valorização dos esforços de Alcebíades*, percebemos que tanto na edição do cinquentenário quanto nas do centenário os autores citam a preocupação com a coletividade que o jornal manteve ao longo dos anos. Essa característica é fundamental para um periódico que se pretende regional, tendo em vista a dificuldade dos jornais em permanecer funcionando nas cidades do interior. Além disso, Alcebíades é homenageado em ambas as edições e todos relembram com simpatia e admiração da história e das dificuldades pelas quais o seu fundador passou, quando da implementação do *Correio Rural* em Viamão. As principais diferenças entre as duas edições, por sua vez, estão na forma como as homenagens são feitas e nos temas privilegiados. Enquanto na edição de 1962 os apoiadores, leitores, funcionários e ex-funcionários escrevem a respeito da conduta de Alcebíades, da sua perseverança frente às dificuldades que surgiram e da valorização do jornal como um importante veículo informativo, em 2011 e 2012 as publicações exploram as memórias e experiências dos funcionários e ex-funcionários que tiveram contato com o jornal e, assim, fazem uma nova leitura da história do *Correio Rural*.

No segundo eixo temático, que se refere ao *jornalismo enquanto prática no Correio Rural*, percebemos que em todas as edições os autores escrevem sobre a preocupação do jornal com a veracidade dos fatos, a isenção e a honestidade. Além disso, destacam o papel de registro do *Correio Rural* como uma importante fonte de pesquisa e de informações sobre Viamão. No entanto, alguns temas são mais discutidos na edição de 1962, como a isenção, a honestidade e a defesa dos interesses da coletividade do periódico. Já em 2011 e 2012 o debate gira em torno de qual é a função de um periódico do interior, do papel de registro do jornal e da preservação dos seus ideais ao longo dos anos.

Portanto, o *Correio Rural* além de lembrar e discutir a respeito da sua própria atividade enquanto jornal do interior, buscou recuperar e atualizar a imagem de si através das memórias e experiências dos leitores, funcionários, ex-funcionários, empresas e entidades representativas de Viamão. Muitas vezes, as edições comemorativas “são textos que exacerbam um olhar quase apaixonado, valorizando o passado dos jornais como uma narrativa de grandes acontecimentos, reportagens marcantes e repórteres virtuosos” (MARCILIO, 2017, p. 4). Portanto, esse exercício de revisitar o passado não é uma atividade neutra, pois se estabelece a partir de um ponto de vista, e nesse caso o do periódico, que se delineou a partir das vozes dos que foram convidados a escrever e da própria perspectiva do *Correio*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho surgiu do meu interesse em analisar o jornal mais antigo da cidade de Viamão, o *Correio Rural*, tendo em vista o seu papel de registro e importância para a população e para o município. O objetivo principal foi analisar as edições comemorativas referentes ao cinquentenário e ao centenário do periódico, através da análise de conteúdo, cruzada com a história oral. Por isso, utilizei como objetos de pesquisa a edição de 1962, alusiva aos 50 anos do jornal, e as treze edições da série especial *100 anos em 1*, publicadas em 2011 e 2012, como forma de perceber as mudanças pelas quais o *Correio* passou ao longo dos anos.

Não poucas vezes, me deparei com as dificuldades em se pesquisar um jornal que não possui um amplo referencial bibliográfico, devido ao fato de não existirem estudos aprofundados sobre o *Correio Rural* nem sobre a imprensa viamonense na academia. Além disso, durante a escolha do recorte, modifiquei a ideia inicial de analisar as edições comemorativas do jornal por décadas, desde a data de sua fundação em 1912, porque o periódico não possui um acervo digitalizado e grande parte das edições se perderam ao longo dos anos.

Ainda assim, as edições de aniversário são importantes fontes de informação, pois o jornal narra a sua trajetória a partir de diversos depoimentos e (re)constrói, também, a sua imagem para a população. Ademais, os jornais do interior possuem o papel de registrar a história social, econômica e política das cidades e dos representantes locais. Portanto, contribuem para a preservação da memória e da cultura local, principalmente da cidade na qual estão inseridos, pois “os jornais do interior são fonte riquíssima de pesquisa para as mais diversas áreas do conhecimento, tais como: História, Psicologia, Filosofia, Comunicação Social, Turismo, Engenharia, Arquitetura, Sociologia, Medicina pública, Educação, Ciência política, etc” (DORNELLES, 2004, p. 135).

O jornalismo praticado nas cidades do interior, conforme foi discutido nos capítulos teóricos, tem a função de informar a população local a respeito de suas necessidades e defendendo o interesse público. Assim,

O jornal local vem para suprir a falta de informações acerca da região ou cidade onde se insere, apresentando, muitas vezes, uma realidade bem distinta [...] É o periódico local que divulga as fotos do campeonato amador, o cronograma de vacinação ou os resultados de avaliações feitas pelo governo em educandários da cidade (SANTOS; CASTRO, 2013, p. 10).

A partir da análise quantitativa dos 107 textos e da elaboração dos índices *referência ao aniversário do jornal*, *referência à história do jornal* e *a partir de que ponto de vista a história do jornal é contada*, verifiquei como o *Correio Rural* tem narrado a sua história ao longo dos anos e quem são as pessoas escolhidas para falar sobre a trajetória do periódico. Na edição comemorativa de 1962, prevalece o depoimento de leitores, anunciantes e entidades representativas da cidade. O jornal, portanto, não aborda diretamente a respeito da sua trajetória. Já nas edições comemorativas de 2011 e 2012, as pessoas convidadas para celebrar o centenário do periódico são, na sua maioria, funcionários e ex-funcionários, ou seja, quem participou ou ainda participa da redação do *Correio*.

Na análise qualitativa, dividi os 15 artigos de opinião e as 14 reportagens em dois eixos temáticos: *valorização dos esforços de Alcebíades* e *o jornalismo enquanto prática no jornal*. No primeiro, se enquadram todos os textos que homenageiam o jornal e o seu fundador Alcebíades. Já no segundo eixo, o *Correio Rural*, através dos funcionários, ex-funcionários e apoiadores, debate sobre a função do jornalismo e a prática jornalística do periódico ao longo dos anos.

Uma das características interessantes ressaltada pelo jornal tanto na edição comemorativa de 1962 quanto nas de 2011 - 2012, conforme observado anteriormente, é a bandeira da isenção no jornalismo. Embora em menor quantidade, algumas reportagens e artigos de opinião de 2012 resgatam esse conceito e o próprio *Correio* acredita na prática de um jornalismo isento. No entanto, essa é uma discussão superada no jornalismo atualmente, já que toda produção jornalística parte de um determinado ponto de vista e, por mais que se utilize a objetividade como método, os jornalistas não são capazes de reproduzir a realidade tal como ela é. A isenção aparece, assim, como uma estratégia discursiva para a conquista da credibilidade.

Esse exercício feito pelo *Correio Rural*, de revisitar o passado e reconhecer as mudanças pelas quais passou ao longo dos anos, contribui para uma atualização da sua função no presente. Afinal, lembrar é um processo que evoca sentimentos e, portanto, se verifica de forma diferente em cada pessoa. Portanto, o *Correio*, por meio dos textos selecionados nas edições comemorativas, fez um resgate da sua história e uma reafirmação de si no presente.

O percurso que realizei na análise das edições comemorativas do *Correio Rural* foi bastante importante para mim. A pesquisa me propiciou imergir tanto na história de Viamão quanto nos relatos da cidade a partir da perspectiva do jornal. Além disso, tive contato com pessoas que me auxiliaram a descobrir mais sobre o início da imprensa em Viamão, como o atual diretor e editor do periódico Milton Zani dos Santos. Também foi fundamental a minha

trajetória na UFRGS TV e o apoio das pessoas que lá trabalham, pois pude refinar o olhar acerca do jornalismo praticado no interior e, em especial, em Viamão.

É importante destacar que a minha trajetória na academia contribuiu para a realização deste trabalho, pois através da disciplina obrigatória Jornalismo Impresso III tive a oportunidade de estudar e refletir sobre a cidade de Viamão, na qual resido atualmente. Acredito que este estudo vai contribuir, ao menos como um mapeamento inicial, para futuras pesquisas acerca da imprensa viamonense, além de se tornar um registro sobre a história do *Correio Rural* para a cidade e para a população.

O *Correio Rural*, fundado por Alcebíades Azeredo dos Santos, permanece em funcionamento até hoje e completa 105 anos de história em 2017. No entanto, conforme o atual diretor e editor jornal Milton (2017) o periódico enfrenta dificuldades não só financeiras, mas também no que tange à receptividade do papel impresso:

O jornal papel hoje é caro, muito caro. E uma das dificuldades que eu sinto, não é dificuldade em entregar o jornal ou em fazer o jornal, é a dificuldade de ver o jornal não ser aceito como papel. Tu largas o jornal na mão, vamos supor, de um escritório, naqueles cartórios do Fórum [de Viamão], tu largas lá em cima, dá boa tarde e não recebe retorno. Se tu voltares daqui a dois dias o jornal está no mesmo lugar parado. Então, isso aí te dá uma dificuldade, te dá uma tristeza e, ao mesmo tempo, uma dificuldade imensa de manter o jornal. Para que eu faço o jornal? (SANTOS, 2017).

Isso nos faz refletir a respeito das transformações pelas quais o jornalismo está passando, tendo em vista a digitalização dos conteúdos jornalísticos. Tanto nas grandes redações das capitais quanto nas do interior, a exemplo do *Correio Rural*, a migração gradativa para o *online* se torna uma questão urgente para a sobrevivência.

O jornal possui, atualmente, poucos assinantes e é vendido em apenas uma banca no Centro de Viamão. A maioria das edições é distribuída gratuitamente nos hospitais, supermercados e entidades representativas do município, assim como a versão digital do *Correio Rural* disponível através do link www.correiorural.com.br. O diretor do periódico, Milton dos Santos, pretende migrar para o *online* devido aos custos de se manter uma publicação impressa e, também, pela dificuldade de aceitação do papel. A quantidade de anunciantes também já não é a mesma de antigamente e com as poucas assinaturas, não é possível investir em mais funcionários.

No entanto, acredito que a análise das edições comemorativas do *Correio Rural* contribui para que os estudos a respeito da prática jornalística no interior se tornem mais frequentes na academia, tendo em vista que os cursos de jornalismo ainda não conseguem

abranger, na grande maioria, as especificidades da imprensa interiorana. Por isso, é fundamental que haja mais pesquisas sobre esse assunto para que tantos outros periódicos que contribuíram e contribuem para a história da imprensa gaúcha e brasileira sejam contemplados nos trabalhos acerca do jornalismo praticado nas cidades do interior.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Victor Manuel dos Santos. A proximidade de uma imprensa regional à ideia de uma cidadania ativa. In: CORREIA, João Carlos (Org.). **Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, desafios e oportunidades**. 1. ed. Portugal, Covilhã - UBI: Labcom, 2012. Cap. 1, p. 1-16. Disponível em: <https://goo.gl/LQkGHL>. Acesso em: 16 dez. 2017.

ASSIS, Francisco de. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. Alceu: revista de comunicação, cultura e política. Rio de Janeiro. Vol. 11, n.21, jul/ dez. 2010, p. 16-33.

BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BARRETO, Abeillard, 1908-1984. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul: 1827-1850**. 1. ed. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986. 292 p.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Raízes de Viamão**. 1. ed. Porto Alegre: EST, 2008. 1456 p.

BRINCA, Pedro. Jornalismo de proximidade e participação. Por uma dieta equilibrada de informação, contra a fast-information. In: CORREIA, João Carlos (Org.). **Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. 1. ed. Portugal, Covilhã - UBI: LabCom, 2012. cap. 3, p. 31-34. Disponível em: <https://goo.gl/LQkGHL>. Acesso em: 16 dez. 2017.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal do interior**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1986. 72 p.

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA, João Carlos (Org.). **Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. 1. ed. Portugal, Covilhã - UBI: LabCom, 2012. cap. 4, p. 35-48. Disponível em: <https://goo.gl/LQkGHL>. Acesso em: 16 dez. 2017.

CORREIA, João Carlos. **Jornalismo regional e cidadania**. Universidade da Beira Interior, Portugal. 2004, p. 1-6. Disponível em: <https://goo.gl/JNYXZi>. Acesso em: 16 dez. 2017.

- CORREIO RURAL. 100 anos em 1: a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão. Viamão: MV Santos Editora, 30 nov. 2012, p. 4.
- _____. Olhar pra frente. Viamão: MV Santos Editora, 30 nov. 2012, p. 6.
- _____. O centenário de uma crença. Viamão: MV Santos Editora, 30 nov. 2012, p. 6.
- _____. Não é fácil fazer 100 anos. Viamão: MV Santos Editora, 30 nov. 2012, p. 7.
- _____. 100 anos em 1: a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão. Viamão: MV Santos Editora, 27 abr. 2012, p. 2.
- _____. 100 anos em 1: a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão. Viamão: MV Santos Editora, 17 fev. 2012, p. 3.
- _____. 100 anos em 1: a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão. Viamão: MV Santos Editora, 27 jan. 2012, p. 4.
- _____. 100 anos em 1: a história do jornal Correio Rural na cidade de Viamão. Viamão: MV Santos Editora, 30 dez. 2011.
- _____. Consciência social em pauta. Viamão: MV Santos Editora, 30 dez. 2011, p. 1
- _____. Correio Rural completa, amanhã, 88 anos de história por Viamão. Viamão: Gráfica Editora Correio Rural Ltda, 24 nov. 2000, p. 5.
- _____. 1912 - 1962. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, capa.
- _____. Associação Rural de Viamão. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, p. 4.
- _____. A comunidade viamonense deve um grande tributo a Alcebíades Santos. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, p. 7.
- _____. Salve 25 de novembro. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, p. 7.
- _____. Banco de Expansão - o banco que mais cresce. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, p. 11-12.
- _____. Há cinquenta anos. Viamão: Tipografia Santos, 25 nov. 1962, p. 17.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UEMESP, 2010. cap. 3, p. 43-83.

COSTA, Letícia Maria Pinto da. **Vozes dissonantes na imprensa do interior**: a produção e a recepção do jornal "A Voz do Vale do Paraíba", 2002. 139 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, São Bernardo do Campo, BR-SP, 2002.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo "comunitário" em cidades do interior**: uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores. 1. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004. 66 p.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 380 p.

ERICKSEN, Nestor. **O sesquicentenário da imprensa rio-grandense**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977. 76 p.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. “Contornos do jornalismo contemporâneo”, 2005, p. 164-173.

FRANCO, Haroldo. Dos pseudônimos à faculdade. **Correio Rural**. Viamão, 30 nov. 2012, p. 9.

GALVANI, Walter. **Um Século de Poder**: os bastidores da Caldas Júnior. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 582 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro : DP&A, 1998. 102 p.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 7: s.p. Disponível em: <https://goo.gl/s1cEZM>. Acesso em: 16 dez. 2017.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto. “Jornalismo de verificação”, 2001, p. 73-96.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 189 p.

MARCILIO, Daniel Augusto Pereira. **Panorama histórico de um jornal centenário**: o Correio do Povo sob o comando da família Caldas Júnior (1895 – 1984). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, n. 15º, 2017, ECA/ USP, São Paulo. p. 1-17.

MARCILIO, Daniel Augusto Pereira. **Jornalismo e Memória**: A construção da narrativa de si nos aniversários do Correio do Povo (1905 – 1975). Projeto de qualificação de mestrado (em fase de elaboração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS, 2017. 82 f.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ed. da USP, 1996. 342 p.

MELO, Isabelle de Anchieta. **Um jornalismo de proximidade**. Observatório da imprensa, diretório acadêmico - imprensa no interior. Vol. 1, n. 427, abr. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/2SDEg9>. Acesso em: 16 dez. 2017.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. 331 p.

MELO, José Marque de. **Os jornais do interior estão mais receptivos às demandas comunitárias**. Revista Eletrônica Temática. Ano 1, fev. 2005, 3 p. Disponível em: <https://goo.gl/mtZLvt>. Acesso em: 16 dez. 2017.

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. rev. ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 238 p.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 1. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999. 142 p..

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta**: a imprensa negra do século XIX (1833-1899). 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PERUZZO, Cicilia. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. Revista Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, SP. Vol. 26, n. 43, 1. sem. 2005, p. 67-84.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Revista Comunicação Midiática. Bauru, SP. Vol. 1, n. 1/2, dez. 2004, p.71-110.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gênero opinativo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. cap. 5, p. 95-108.

RODRIGUES, Waldir. Primeiros centros de população: fundação do povoado de Capela Grande. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Raízes de Viamão**. 1. ed. Porto Alegre: EST, 2008. p. 129-130.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. 97 p.

SANTOS, Alcebíades Azeredo dos. O dia de hoje. **O Exemplo**. Porto Alegre, 13 maio 1904, p. 2.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. **Jornalismo do Interior**: Características, estigmas e seu papel na sociedade. In: Trabalho apresentado no GT de História

do Jornalismo, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Ouro Preto, MG, 2013, p. 1-13. Disponível em: <https://goo.gl/wNdfiF>. Acesso em: 16 dez. 2017.

SANTOS, Milton Zani dos. Depoimento. Viamão: residência do entrevistado, 5 out. 2017. Entrevista concedida a Matheus Nietto.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983. 501 p.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. As sociedades indígenas na região de Viamão. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Raízes de Viamão**. 1. ed. Porto Alegre: EST, 2008. p. 41-60.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera. “Os valores-notícia segundo Traquina”, 2002, p. 186-208.